O Mistério do Vento

O vento sopra entre as árvores altas,
Carrega segredos em suas palmas.
Com suas mãos, ele toca o rosto,
E deixa no ar um eterno gosto.

Ele não fala, mas sabe escutar,
E em sua jornada, sabe onde irar.
Na sua dança, o mundo se desfaz,
E ele é o guia, levando-nos à paz.

Quando o vento passa, tudo se acalma,
A alma perde-se, mas nunca se salva.
Pois o vento é livre, sem destino certo,
Ele é o enigma do universo aberto.

Maria Joana Alves Centeio, 2º Ano, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

CANTO SEM MÁCULAS

Lugar puro para se viver
Bom para se estar
Lindo para se apreciar,
És tu natureza.

Brilhante como sol
Radiante como o reflexo do sol no diamente
Estético para não confundir os seus
És tu natureza

Único que aos seus não cria confusão
Para o céus guarda constelação
E a terra traz uma vasta materialização
És tu natureza

Aquela que não escolhe quem entra
Muito menos, quem em ti é bem vindo
Pois a todos recebe sem se importar com a sua condição
Embora nos outros quadrantes isso seja caso para reflexão.

Garante um brilho raro
Uma iluminação sem fim
E viagens sem limites
Pastando sonhos do além para próximo
És tu, oh, natureza!

Vally Moronvick, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Lendas da República de Cabo Verde

Explorando os enigmas ocultos: mitos e lendas cabo-verdianas

Cabo Verde, um pequeno arquipélago na costa oeste da África, é visto como uma terra de mistério e encantamento. Seus habitantes puderam transmitir ao longo do tempo suas crenças e costumes nativos mais profundos, envoltos em mitos e lendas fascinantes. Um passeio por eles nos permitirá revelar as complexidades culturais que compõem este canto do planeta.

Entre as histórias mais conhecidas está o Nau Bila, um lendário navio fantasma que aparece durante as noites de tempestade para pressagiar infortúnios. Segundo os ilhéus, este barco é tripulado por almas condenadas que tentam, sem sucesso, chegar à costa.

Outra história perturbadora é a de Kapret, uma criatura demoníaca que se parece com um javali. Diz-se que esse ser noturno tem poderes sobrenaturais capazes de manipular pessoas e animais em sua armadilha mortal.

As Sereias ou sereias também ocupam um lugar importante no folclore cabo-verdiano. De acordo com os pescadores locais, essas criaturas marinhas são lindas mulheres com cauda de peixe cujo canto pode enfeitiçar qualquer homem até o fundo do oceano.

Um mito muito popular entre as crianças é o do Papa Figos. Este personagem é descrito como um ogro gigante que perambula por montanhas e vales sequestrando crianças travessas para comê-las.

Cabo Verde também tem sua versão da lenda do Lobisomem. Nesse caso, diz-se que aqueles homens mordidos por lobos nas noites de lua cheia são transformados em criaturas temíveis meio homem, meio lobo.

Estas são amostras das abundantes e ricas histórias que compõem o corpus folclórico cabo-verdiano. Seu estudo nos permite apreciar como as crenças ancestrais moldaram a identidade cultural do lugar e continuam a influenciar sua sociedade atual.

As raízes dos mitos e lendas de Cabo Verde

Uma mistura única de influências africanas, portuguesas e brasileiras deu origem a uma rica tapeçaria mitológica em Cabo Verde. A história oral é fortemente valorizada na cultura cabo-verdiana, por isso vários contos populares foram transmitidos de geração em geração. Estas histórias ajudam a compreender as idiossincrasias do povo cabo-verdiano e a sua perceção do mundo.

A Lenda da Praia dos Amores é uma história comovente sobre um amor proibido entre um jovem pescador e uma nobre durante o período colonial português. De acordo com esse mito, suas almas ainda assombram a praia onde costumavam se encontrar secretamente, tornando-a um lugar sagrado para casais apaixonados.

Espíritos ou fantasmas são figuras comuns no folclore cabo-verdiano. Uma lenda particularmente intrigante é aquela que fala dos espíritos errantes da antiga vila abandonada de Rabil.

O medo dos feiticeiros está profundamente enraizado na sociedade cabo-verdiana até hoje devido aos antigos contos populares sobre esses personagens malévolos capazes de lançar feitiços e maldições. Embora a maioria considere isso superstição, há uma minoria que ainda acredita firmemente em sua existência e poder.

Bruxas (bruxas) são criaturas mitológicas temidas. Eles são frequentemente descritos como mulheres idosas com habilidades sobrenaturais que podem se transformar em animais e causar doenças ou infortúnios àqueles que cruzam seu caminho.

A Morte Seca é uma figura espectral que, segundo as lendas, aparece antes dos moribundos para levar suas almas para a vida após a morte. Essa presença sinistra se manifesta durante a noite por meio de ruídos arrepiantes. Alguns até acreditam ter testemunhado as suas aparições, acrescentando um ar de autenticidade a esta lenda urbana cabo-verdiana.

Perguntas frequentes

Quais são os mitos mais populares sobre Cabo Verde? Cabo Verde, um grupo de ilhas localizadas no Oceano Atlântico a oeste da África, é rico em mitos e lendas que foram transmitidos de geração em geração. Aqui estão alguns dos mais populares:

1. O Vulcão do Fogo: é famoso por ser uma entidade viva dentro dos mitos cabo-verdianos. Diz a lenda que há um gigante adormecido sob o vulcão e toda vez que ele acorda causa erupções terríveis.

2. O Espírito Protetor Brava: Diz-se que a Ilha Brava é protegida por um espírito benigno chamado Nho Roque. Este espírito vive em uma caverna à beira-mar e sai para proteger os habitantes quando perigos como tempestades ou invasões ameaçam.

3. O Ouro Escondido: existem várias histórias sobre tesouros enterrados em diferentes partes do arquipélago. O mais conhecido é sobre um tesouro pirata escondido, supostamente deixado lá por Sir Francis Drake, cujo mapa nunca foi encontrado.

4. Seres Míticos: Existe uma crença popular sobre criaturas misteriosas como Lobisomens (lobisomens) e Bruxas (bruxas), que dizem vagar à noite causando estragos entre a população local.

5. Mitologia marítima: sendo um país insular, muitos mitos e lendas em Cabo Verde estão relacionados com o mar. Um exemplo é a crença em "Naufrágios", espíritos de marinheiros que perderam a vida em naufrágios e agora vagam pelas ilhas em busca de descanso eterno.

Estes são exemplos da rica tradição oral de Cabo Verde, que demonstram como estes mitos e lendas alimentam o imaginário coletivo do país, permitindo aos seus habitantes manter uma profunda ligação com o seu passado e cultura.

Existem lendas urbanas em Cabo Verde que transcenderam o mundo?

Cabo Verde é um grupo de ilhas vulcânicas localizadas na costa oeste da África, que possui uma riqueza de mitos e lendas locais. No entanto, globalmente, não há muitos que sejam amplamente reconhecidos. Apesar disso, existem algumas histórias interessantes que valem a pena mencionar.

Uma lenda muito particular é a do Bicho Homem. Este ser é descrito como uma criatura fantasmagórica ou demoníaca que aparece durante as horas mais sombrias para atormentar os habitantes locais. Diz-se que essa entidade pode mudar de forma à vontade e gosta de causar caos e medo principalmente entre as crianças.

Outra figura relevante no imaginário popular de Cabo Verde é Nho Roque, uma personagem lendária conhecida pelos seus feitos heróicos e força sobre-humana. Embora essa história tenha conotações mais míticas do que urbanas, ela deixou uma marca importante no país.

Destaca-se ainda a presença do Odjo d'Água, criaturas marinhas parecidas com sereias que dizem habitar as águas que circundam o arquipélago e podem ter relações com humanos.

Também é importante destacar o mito da ilha encantada: diz-se que havia uma ilha chamada Ilha Fantástica ou Ilha da Quaresma, visível apenas durante determinados períodos do ano (geralmente durante a Páscoa), mas inacessível a qualquer navio que tentasse alcançá-la.

Embora essas histórias sejam populares localmente em Cabo Verde, elas não transcenderam globalmente na mesma medida que outras lendas urbanas de diferentes partes do mundo. No entanto, são um reflexo interessante das crenças e culturas locais cabo-verdianas.

Como é que a cultura cabo-verdiana se reflete nos seus mitos e lendas?

Cabo Verde tem uma cultura rica e diversificada que se reflete claramente nos seus mitos e lendas. Influenciado por seus colonizadores portugueses, tradição da África Ocidental, culturas americanas e europeias por meio do comércio de escravos e seu status insular, Cabo Verde desenvolveu uma miríade de crenças únicas.

Uma importante figura mítica na cultura cabo-verdiana é La Madre d'Agua (Mãe da Água), também conhecida como Yemanjá para os brasileiros ou Iemanya para os cubanos. Acredita-se que este antigo ser marinho tenha o poder de dar vida e tirá-la. Diz-se que essa divindade feminina controla os oceanos e é responsável pelo bem-estar geral da vila de pescadores.

Outra lenda popular conta a história das Sete Mulheres do Mar. Segundo essa lenda, sete belas mulheres viviam no fundo do mar até que um dia saíram para explorar o continente. No entanto, eles foram pegos fora da água ao amanhecer e instantaneamente transformados em grandes colinas de areia chamadas "As Sete Irmãs" ou "Sete Paus". Estes montes existem hoje em Santo Antão.

É também de salientar o mito associado ao Monte Cara (uma montanha em forma humana) localizado em frente ao porto do Mindelo. Conhecido localmente como O Gigante Adormecido, este símbolo geológico natural é considerado uma figura protetora que vigia a ilha.

Outra lenda importante é a do Espírito das Ilhas, que se diz proteger os habitantes de Cabo Verde e punir aqueles que não respeitam as suas leis ou danificam o seu território.

Estes mitos e lendas refletem a estreita ligação dos cabo-verdianos ao mar e à paisagem circundante, bem como o seu profundo respeito pelas forças naturais. Além disso, destacam aspectos culturais significativos, como a maternidade, o valor da comunidade e a necessidade de equilíbrio entre o ser humano e a natureza.

Que relação têm os mitos e lendas de Cabo Verde com a sua história e geografia?

Os mitos e lendas de Cabo Verde estão profundamente enraizados em sua história e geografia. A rica narrativa oral do arquipélago reflete uma diversidade cultural influenciada pelos povos africanos, europeus e brasileiros que habitaram essas ilhas ao longo do tempo.

A orografia com suas montanhas vulcânicas e praias paradisíacas deu origem a inúmeras lendas sobre seres míticos que habitam esses lugares. Por exemplo, conta-se a história das Almas Encantadas, espíritos errantes que vagam pelas montanhas durante a noite. De acordo com esse mito popular, esses espíritos podem assumir diferentes formas para assustar ou enganar humanos intrusos.

Por outro lado, a história colonial de Cabo Verde também teve um forte impacto nas suas tradições folclóricas. Durante muitos séculos foi uma colónia portuguesa e um ponto estratégico no comércio transatlântico de escravos. Isso levou à criação de histórias relacionadas a espíritos ancestrais africanos, como Nho Lobo, uma espécie de lobisomem africano temido por todos os habitantes.

Também vale a pena notar como uma parte fundamental do folclore cabo-verdiano reside na superstição sobre bruxaria e feitiçaria. Esse fato provavelmente está ligado ao sincretismo religioso presente devido à mistura entre as crenças animistas africanas e o cristianismo trazida pelos colonizadores europeus. Exemplo disso são as histórias sobre a Bruxa de Monte Gordo, a quem é dito que pode transformar-se em animais para levar a cabo os seus crimes.

Existem seres fantásticos ou sobrenaturais nas lendas de Cabo Verde?

Dentro das lendas de Cabo Verde existem seres fantásticos e sobrenaturais que são parte essencial da sua rica tradição oral. Um dos mais conhecidos é Bruxa, semelhante ao que é conhecido em outras culturas como bruxas. Diz-se que eles podem se transformar em animais, especialmente pássaros noturnos, para realizar seus crimes sem serem reconhecidos. Acredita-se também que eles causem doenças ou má sorte àqueles que desejam prejudicar.

O Fradinho da Mão Furada é outra criatura mitológica popular. Ele é uma criança travessa com um buraco na mão através do qual pode ver o futuro e prever desastres naturais ou perdas familiares.

Em algumas ilhas fala-se também do Espírito Tranquilo, uma espécie de espírito pacífico que cuida das casas e protege os seus habitantes contra os malfeitores e os infortúnios. Outro personagem de destaque é o Preta-Má. É uma espectrosa feminina vestida inteiramente de preto que vagueia à noite chorando por seus filhos perdidos.

Estas amostras do imenso património cultural cabo-verdiano, repleto de criaturas e histórias fascinantes, desempenham um papel importante tanto na identidade nacional como na explicação simbólica do mundo natural e social em torno do povo cabo-verdiano.

Como é que os mitos e lendas cabo-verdianos influenciaram a literatura ou a arte do país?

Os mitos e lendas de Cabo Verde tiveram uma grande influência na literatura e na arte do país, formando uma componente essencial da sua identidade cultural, com várias representações artísticas e narrativas que vão desde a pintura às tradições orais.

Um dos mitos mais famosos de Cabo Verde é o da Noiva do Mar. Esta história conta a história de uma mulher que se tornou um espírito do mar, depois de ser abandonada por seu amante marinheiro. Esta lenda foi capturada em inúmeras obras literárias e artísticas cabo-verdianas como um símbolo de saudade, esperança e desejo não realizado.

Além disso, essas histórias serviram de fonte de inspiração para a criação literária. Muitos autores locais baseiam suas obras nesses mitos e lendas, reimaginando-os ou usando-os como metáforas para explorar temas contemporâneos. Um exemplo notável é Germano Almeida, um dos escritores mais renomados do país, que sutilmente tece referências a esses contos populares em seus romances.

Quanto às artes visuais cabo-verdianas, artistas como Tchale Figueira ou Leão Lopes utilizam frequentemente elementos míticos e lendários para representar aspetos socio-culturais fundamentais. Portanto, essas histórias não estão apenas vivas nas tradições orais, mas também impregnadas até mesmo nas expressões visuais modernas.

Por último, mas não menos importante, muitas danças folclóricas e canções folclóricas também incorporam referências a esses mitos e lendas. A música, especialmente a morna, muitas vezes retrata histórias de amor e perda semelhantes às encontradas em muitas dessas narrativas.

Disponível em losmitosyleyendas.com

Lenda da ilha de Fogo - República de Cabo Verde: A Rainha do Fogo

Diz-se que, há muitos séculos, o vulcão da Ilha do Fogo não era apenas uma força da natureza, mas a morada de uma rainha mística chamada Nhô Chica. A Rainha do Fogo, como era conhecida, governava não apenas a ilha, mas o coração do vulcão. Ela era descrita como uma mulher de beleza deslumbrante, com cabelos que brilhavam como lava e olhos que refletiam o calor das chamas.

Nhô Chica era amada e temida ao mesmo tempo. Acreditava-se que ela protegia os habitantes da ilha e garantia colheitas abundantes, mas apenas enquanto o povo respeitasse o vulcão e oferecesse presentes em sua honra. As oferendas eram feitas nas noites de lua cheia, com danças e cânticos ao redor da montanha, pedindo sua bênção.

Certa vez, um jovem ousado chamado Pedro decidiu desafiar a lenda. Ele acreditava que as histórias sobre a Rainha do Fogo eram apenas superstições. Em uma noite, subiu até a cratera e recusou-se a fazer uma oferenda, zombando das tradições de seu povo. Diz a lenda que, naquela noite, o vulcão entrou em erupção violenta, e a silhueta de Nhô Chica foi vista no meio da lava, com olhos de fogo que pareciam fulminar Pedro.

Os moradores fugiram e, quando retornaram, encontraram a aldeia devastada, mas o corpo de Pedro nunca foi encontrado. Desde então, acredita-se que ele foi levado pela Rainha do Fogo para viver eternamente no coração do vulcão.

Lenda da ilha de Santiago - República de Cabo Verde: A Lendado Baobá Encantado

Diz-se que há um baobá especial em Santiago que é lar de espíritos ancestrais. De acordo com a lenda, aqueles que desejam proteção ou sorte devem visitar o baobá à noite e recitar um cântico antigo. Contudo, os mais corajosos também podem ouvir os murmúrios dos espíritos, que falam verdades esquecidas.

Lenda da ilha de Santiago - República de Cabo Verde: A Lenda de Xixó

Era um homem muito conhecido por sua força e astúcia. Ele enfrentou desafios sobre-naturais e inimigos do submundo em busca de justiça para sua vila. Seu espírito ainda é reverenciado como guardião da ilha, especialmente nas histórias contadas durante as festas tradicionais.

Lenda da ilha de Santiago - República de Cabo Verde: Encantados da Ribeira Grande

As histórias falam sobre figuras mágicas que aparecem em noites escuras na Ribeira Grande. São guardiões das águas e plantas e têm a capacidade de conceder bênçãos ou punir quem desrespeita a natureza.

Lenda da ilha de Santiago - República de Cabo Verde: João Sem Medo na Terra das Ilhas

João era um jovem de Santiago conhecido por sua coragem incomparável. Enquanto outros evitavam as florestas misteriosas ou os penhascos perigosos, João ria diante do perigo. Ele nunca tinha sentido medo e achava curioso que as pessoas o mencionassem como algo tão poderoso.

Certa vez, a população de sua vila ficou aterrorizada com histórias de um espírito que rondava uma gruta perto do vulcão da Ilha do Fogo. Muitos diziam que o espírito protegia um tesouro valioso, mas ninguém ousava se aproximar. João, curioso como sempre, decidiu enfrentar o desafio.

Com uma vela e uma faca, ele subiu a montanha até a entrada da gruta. Lá, ouviu sons estranhos que pareciam risadas e viu sombras dançando nas paredes. Mas João, destemido, entrou e disse em voz alta: "Quem quer que esteja aqui, eu vim visitá-lo!"

De repente, uma figura apareceu na forma de uma mulher com cabelos de fogo e olhos brilhantes. Era Nhô Chica, a Rainha do Fogo, que guardava o vulcão e testava a bravura dos aventureiros. Ela riu ao ver que João não tremia. "Você é diferente, rapaz," disse ela. "Muitos já vieram aqui e fugiram. O que você quer?"

João respondeu com sinceridade: "Quero entender o que é sentir medo. Dizem que é algo que todo mundo conhece, mas eu não."

Nhô Chica sorriu e disse: "Muito bem, então leve este tesouro como prova da sua coragem. Mas lembre-se, João: o verdadeiro medo não está nas sombras ou espíritos, mas em perder o que mais amamos."

João saiu da gruta com o tesouro, admirado pelas palavras de Nhô Chica. Ainda que não tivesse sentido medo, ele começou a valorizar as pessoas de sua vila e entender que a verdadeira coragem está em proteger quem amamos, mesmo diante do desconhecido.

Lenda da República de Cabo Verde: A Lenda da Sombra do Pico da Cruz

No alto do majestoso Pico da Cruz, um dos pontos mais icônicos de Santo Antão, os moradores contam uma história que desafia o tempo. Dizem que, ao entardecer, quando o sol começa a se esconder atrás das montanhas, uma sombra em forma humana surge na encosta. Esta figura não é de um viajante ou montanhista comum, mas de um espírito protetor que vigia a ilha desde tempos imemoriais.

De acordo com a tradição oral, há séculos, um guia chamado Nhô Samuel vivia nas montanhas. Ele era conhecido por ajudar viajantes e comerciantes a atravessar os perigosos caminhos da ilha. Nhô Samuel nunca perdeu ninguém sob sua orientação, e sua bondade era conhecida por todos. Contudo, numa noite tempestuosa, enquanto guiava um grupo por um desfiladeiro traiçoeiro, uma enorme avalanche o levou, junto com aqueles que tentava salvar. O sacrifício de Nhô Samuel marcou as montanhas para sempre.

Após sua morte, relatos começaram a surgir. Viandantes que se perdiam ou enfrentavam dificuldades nas trilhas diziam ter visto uma sombra alta e imponente que os guiava de volta ao caminho certo. A sombra aparecia sempre no entardecer, como se estivesse protegendo aqueles que respeitavam a natureza e o espírito das montanhas.

Moradores acreditam que essa sombra é a alma de Nhô Samuel, que nunca deixou as montanhas e continua sua missão de proteger os viajantes. Alguns dizem que, quando você alcança o cume do Pico da Cruz e observa o horizonte ao pôr do sol, pode sentir uma presença calma e ouvir sussurros do vento, como se ele ainda estivesse guiando os caminhos.

A lenda é uma lembrança de coragem, sacrifício e respeito pela força da natureza. Até hoje, os moradores de Santo Antão tratam as montanhas com reverência, acreditando que Nhô Samuel ainda vigia sua amada ilha.

Lenda da República de Cabo Verde: As Feiticeiras de Santo Antão

Conta-se que, nas montanhas da ilha de Santo Antão, viviam mulheres misteriosas chamadas de feiticeiras. Elas eram conhecidas por sua habilidade de manipular os elementos da natureza e possuíam poderes sobrenaturais. Diziam que elas podiam convocar ventos fortes, controlar as chuvas e até transformar-se em pássaros para espiar as aldeias durante a noite.

Uma das histórias mais conhecidas fala de uma aldeã chamada Maria, que descobriu o segredo de uma dessas feiticeiras. Maria espiou uma cerimônia secreta em uma noite escura, onde viu as feiticeiras dançando ao redor de uma fogueira e recitando palavras mágicas que faziam as chamas brilharem em cores diferentes. Assustada, Maria tentou fugir, mas foi capturada por uma delas, que lhe disse: "Se você revelar o que viu, será amaldiçoada por toda a eternidade."

Maria, aterrorizada, manteve o segredo por anos, mas a curiosidade dos aldeões começou a crescer sobre as histórias que ela contava. Em uma noite de festa, Maria finalmente revelou o que tinha visto. No dia seguinte, uma forte tempestade atingiu a aldeia, e Maria desapareceu sem deixar rastros. Desde então, os habitantes acreditam que ela foi transformada em uma das feiticeiras, condenada a vagar pelas montanhas para sempre.

As lendas das feiticeiras continuam a ser contadas em Santo Antão, e os moradores dizem que em noites de lua cheia, é possível ouvir o som das suas risadas ecoando pelas montanhas.

Lenda da República de Cabo Verde: Os Encantados do Mar

Conta-se que, em noites de lua cheia, quando o mar reflete o brilho prateado do céu, é possível avistar figuras misteriosas nas águas ao redor das ilhas de Cabo Verde. São os "Encantados do Mar", seres mágicos que habitam as profundezas do oceano.

Dizem que os Encantados eram, um dia, pessoas comuns que fizeram pactos com o mar, trocando suas vidas em terra por poderes extraordinários e uma existência imortal no reino aquático. Agora, eles aparecem nas margens ou próximos aos barcos para proteger os pescadores em momentos de perigo ou, às vezes, para testar a bravura dos navegantes.

Uma das histórias mais conhecidas é a de um jovem pescador chamado João. Uma noite, durante uma tempestade violenta, ele foi jogado ao mar. Enquanto lutava contra as ondas, uma figura com cabelos ondulados como algas o resgatou e o levou para uma caverna submersa, onde foi cuidado e protegido. Quando a tempestade passou, o Encantado o devolveu à superfície, mas com um aviso: "Nunca revele onde estive, ou sofrerá as consequências."

João, agradecido, manteve o segredo por anos. Mas, em uma noite de celebração, depois de beber muito grogue, ele contou a história ao povo da vila. Na manhã seguinte, ele desapareceu no mar e nunca mais foi visto. Desde então, os pescadores acreditam que os Encantados do Mar ainda observam tudo, recompensando aqueles que respeitam os segredos do oceano e punindo os curiosos e imprudentes.

Lenda da República de Cabo Verde: A Lenda de Bartolomeu da Noli e a morte do Frei Rogério

Em Cabo Verde, a evangelização começou em 1466, com a presença de dois religiosos, FREI JAIME e FREI ROGÉRIO. Ambos franciscanos do Convento de São Bernardino da Atouguia em Lisboa. Essa assistência foi efémera, terminando no decorrer de um conflito entre os frades e o capitão Bartolomeu de Noli, que teria mandado matar frei Rogério e prender o seu companheiro.

BARTOLOMEU DE NOLI, irmão do governador de Noli e também proprietário de uma plantação em Cabo Verde, é relatado ter ordenado em 1466 o assassinato de um

franciscano - FREI ROGÉRIO - alegadamente por este, em nome da Igreja, se ter oposto à convivência de Bartolomeu de Noli com uma mulher portuguesa fora do quadro católico do matrimônio.

Recorde-se que os primeiros franciscanos “tinham vindo com Bartolomeu de Noli que teria iniciado a colonização com uma vida escandalosa, pelo que o Frei Rogério, por o ter levado a razão a amante do italiano, foi por ele assassinado. O mesmo Bartolomeu mandou encarcerar o Frei Jaime, mas temendo a ira popular mandou-o libertar. “ (cfr. Bernardo P. Vaschetto, ilhas de Cabo Verde, Origem do povo cabo-verdiano, p.230).

«Em 1466 desembarcaram na ilha Fr. Rogerio e seu companheiro Fr. Jaime os quaes levados pelo fervor religioso para ali seguiram de Portugal, afim de se occuparem da sua elevada missão, convertendo ao christianismo os negros povoadores, futuros obreiros da civillsação, e confessando a todos.

Não foi muito feliz Fr. Rogerio n'esta missão, que pela segunda vez deixava o seu convento de Athouguia, pois que da primeira passara á Madeira.

Eis o que nos relata Fr. Povoa, que extrahiu do Breviario de Servo de Deus, escripto por alguem que estivesse ao pé de Fr. Rogerio, ou pelo seu companheiro Fr. Jaime.

Em 1466 seguiu para Cabo Verde Fr. Rogerio, com o seu companheiro Fr. Jaime, ambos franciscanos do convento de S. Bernardino de Athouguia, arcebispado de Lisboa e naturaes de Catalunha.

•Que Cabo Verde fôra descoberto em 1460 por Antonio da Noli, e que este era acompanhado pelo seu sobrinho Raphael e irmão Bartholomeu.

•Este ullimo estava já alli como capitão da ilha, quando n'ella aportou o veneravel Fr. Rogerio com Fr. Jaime. Fr. Rogerio achou a terra como elle desejava, só e destituída de povos, exceptuando alguns genovezes, que mais tratavam de colher o algodão pelo matto. Ainda assim se retirava d'este limitado concurso, e posto em deserto, fez uma casa de ramos e terra, para si e seu companheiro, e junto a ella um oratorio dos mesmos materiaes, onde ambos celebravam.

•A caridade nos visinhos pouca e demasiado o seu retiro, pelo que viviam em grandíssima pobreza e necessidade, sustentando-se quando muito, de algum peixe que pescavam, mas sempre satisfeitos e alegres.

•Aconteceu n'este tempo confessar-se a Fr. Rogerio uma mulher, que o capitão (Bartholomeu) levara de Portugal, e a conservou sempre, vivendo em estado de culpa, com muita publicidade e grande escandalo; e concorrendo a graça divina, com os santos conselhos do veneravel padre se viu ella livre do laço, com que o inferno a trazia presa.

•Voltou para o reino, fugindo á occasião do pecado, e o capitão sentido de perder a causa da sua ruina, tratou de tomar vingança no confessor innocente.

Dispoz que o companheiro fosse levado a outra ilha, e n'este meio tempo lhe deu secretamente garrote e para que tudo se effectuasse em segredo fez do mar ataúde do seu cadaver.

•Padeceu este veneravel religioso em defensão da virtude e extirpação do vicio no anno do Nascimento de 1466 aos 28 de janeiro com 70 annos de edade, todos empregados ao serviço de Deus.

Foi o tyrano Noli tão cego, como são todos os filhos da perversidade, pois queria dissimular o sacrilegio, augmentando a culpa e fazendo maior a fogueira da soa condemnação. Levantou que o devoto Fr. Jayme fõra o homicida, não obstante estar elle n'aquella oceasião ausente por sua ordem: lançou-o em prisão rigorosa, onde padeceo muitos trabalhos, até que sabida a sua maldade no povo e temendo que as mesmas pedras se levantassem castigando a insolencia, o fez sabir da cadêa. E porque não lhe faltasse o vicio de ladrão, roubou jontamcnte quanto havia no oratorio, não obstante ser tudo pobreza.

Fr. Rogerio era famoso letrado, musico, excellente escrivão, muito alegre nas suas conversações e a todos agradavel. Escreveu Breviarios, Discursos, Rituaes e outros não só de reza, mas de materias differentes.

Este assassinio devia ter sido na Ribeira Grande, unico povoado da capitania do sul dominado pelos Nolis. Ignoramos se Bartholomeu da Noli ficou ou não impune. É certo que na ilha corre uma lenda, de que houve ali uma villa que alguns suppõem ser a dos Alcatrazes, que fõra arrasada e salgada por mandado d'El-Rei, por o capitão d'ella ter raptado a filha de um capitão de navios, que a bordo levava em sua companhia; realisando-se esse rapto, na occasião em que o capitão da localidade mimoseava com um jantar o capitão de navios e tambem á sua filha, ficando o pobre pae só á mesa; que este sem meio de obter qualquer reparação, veio para Lisboa queixar-se a El-Rei da infamia do capitão, e que El-Rel mandou alli um navio de guerra para prendel-o, arrazar e salgar a vllla para que nunca mais houvesse outra n'aquelle local.

Por multo mão senso que tivesse El-Rei, não acreditamos que elle mandasse arrazar um povoado, tornando victimas os moradores, que não podiam ser responsaveis pelos actos deshonestos do capitão.

Esta lenda parece relacionar-se com o procedimento do Fr. Rogerio, que como confessor da amante de Bartholomeu, a induzira a abandonal-o. Abandonou-o, certamente, mettendo-se a bordo de qualquer navio que por alli appareceu.

Uma lenda atravessa o decorrer dos seculos, sempre com o cunho de verdadelra, embora sofra mais ou menos allerações na sua narração.

Quer-nos parecer que a scena, que deu origem ao assassinio de Fr. Rogerio, é a mesma lenda, porque n'ella figuram os mesmos personagens; os capitães e uma mulher; com a differença, porém, que o capitão do navio foi quem proporcionou a fuga á amante do Bartholomeu, dando origem a que á Ribeira Grande fosse um navio, não pelo motivo que a lenda nos conta mas sómente pelo assassínio do veneravel Fr. Rogerio.

Disponível em colonialismoguerracolonial.blogspot.com

Lenda Popular da República de Cabo Verde: Mãe Joana a Parteira das Sereias

Rosa Alexandra Fortes, natural da ilha de S. Antão, contou-me que sua avó “nha Zabel” lhe narrara que “Mãe Joana” (bisavó de Rosinha) era parteira jurada de Sereias!

Foi chamada, muitas vezes, a prestar os seus serviços, por uma pessoa que vinha do mar com aspeto de homem. Acompanhou-o sempre de boa vontade e sempre que chegavam à beira de água, o homem tirava uma vara da sua capa e com ela batia nas ondas e o mar abria-se, mostrando uma bela estrada seca e segura! Então o homem desaparecia e só a sua voz se ouvia guiando os passos de “Mãe Joana”, até ao Palácio onde se encontrava a Sereia parturiente.

Tudo era maravilhoso, jardins com plantas desconhecidas bordavam a estrada e rodeavam o palácio! Luzes de todas as cores iluminavam-no por fora e por dentro!

No quarto da Sereia, ouviam-se muitas vozes, mas não se via ninguém e a parteira só via a parte do corpo em que tinha que trabalhar, por vezes uma perna, um braço, a barriga, alguns cabelos de outro, mas nunca a forma completa!

Depois do bebê-sereia ter nascido, ofereciam a “Mãe Joana” um autêntico banquete, uma mesa com tudo o que havia de melhor, comidas raras e saborosas, tudo isto

acompanhado de risos e cantos, mas sem que ela conseguisse ver alguém! De novo, na presença da Sereia e do seu bebê, aquela oferecia-lhe algumas pedrinhas do mar como recompensa, com a recomendação de, assim que chegasse à casa, as guardar no canto da mala.

Vinham então trazê-la até à praia pela mesma estrada, no meio do mar, e o homem aparecia só para se despedir, agradecer-lhe a boa vontade e dar-lhe as ditas pedras. Logo após, desaparecia e o mar fechava-se!

A mulher, assim que chegou à casa, fez aquilo que sempre fazia, deitou fora as pedrinhas para o quintal, nunca respeitando as recomendações da Sereia e ficando assim mais pobre, mas de coração contente por ter cumprido o seu dever humanitário.

Aqui termina a história da Rosinha.

Mas!nha! Amélia, que me contara uma outra história e que também sabe esta, disse-me que a parteira, um dia, por desfastio, trouxe duas das tais pedrinhas do mar que a Sereia lhe ofertara, para casa e deitou-as no canto do quarto. No dia seguinte, as pedras tinham-se transformado em duas bolas de ouro! A reação de “Mãe Joana” foi de alegria, mas também de arrependimento por ter desperdiçado todas as outras ofertas e não ter acreditado na palavra da amiga Sereia. Ainda correu à beira-mar gritando pelos “encantados” para pedir perdão e também algumas pedrinhas do mar, mas ninguém lhe respondeu e, pior ainda, nunca mais a chamaram para ir ao fundo do mar ajudar bebês-sereias a nascer”.

Lenda (adaptada) (do livro HISTÓRIAS DE LONGE E DE PERTO, Sec. Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Lisboa, 1997).

Lenda Popular da República de Cabo Verde em forma de composição musical da autoria de Carlos Alberto Frederico Tavares: Encantada

I

Se um dia, uma encantada,
Aparecer-me ali!, assim!
Com o seu filho carregado,
Está a dar as suas voltas!

II

No meio da quentura,
Do calor do dia,
a cantar a sua morna,
Ah! filho!
Ah! filho!

III

É para mim!
Então, deixa-me querer,
Quero ver uma encantada,

IV

Eu preciso ver uma encantada,
Apressada no seu trabalho,
com a sua sulada,
Quero perguntar-lhe o seu nome!
eeeh! Encantada!

Lenda Popular da República de Cabo Verde: Ciclope Gongon - O Gigante Petrificado de Ribeira das Pombas

Pouco tempo após o ocaso, a Lua nasceu gigante e brilhante, no horizonte do mar da Pontinha de Janela. Assim que ela se ia erguendo no céu, o seu intenso brilho, sobre o mar, deixava um reflexo prateado. Em ponto menor, imperava, impávido, o Farol Fontes Pereira de Melo que, desde o seu palanque, situado na encosta fronteira do Ilhéu d'Boi, sinalizava, com o seu feixe de luz intermitente, as embarcações em trânsito nas proximidades da costa nordeste da ilha.

Na Fajã de Janela, era noite de sarau, no terreiro da casa de Nha Guida Piteira. Após gastarem boa parte da sua energia nos corres-corres, os meninos da vizinhança reuniram-se no terreiro à espera das estórias de nha Guida Piteira, como já era hábito em noites de Lua cheia. A velha sentou-se numa banqueta e tirou da algibeira do

avental o seu cachimbo. Encheu-o de tabaco e acendeu-o com uma brasa. Puxou um primeiro fumo e fixou o céu durante vagos segundos, tendo exclamado a seguir:

– Pelo sinal da Santa Cruz! Que jamais o ciclope Gongon consiga reaver o "olho" que Tritão lhe arrancou e juntou à Lua!

– Qual Tritão, qual ciclope, qual Gongon, qual quê! Já aí vens tu com "besnirices", Guida!? – retorquiu M'guilim d'Aninha, que, num canto do terreiro, se encontrava naufragado numa carroscaria dos diabos, a recompor-se da última anestesia e maresia de garrafão – Deixa-me mais é ir andando para casa – concluiu ele, enquanto se levantava aos trambolhões para se dirigir ao portão.

– Com que então "besnirices", M'guilim! Mais te valia ficares aí, nesse canto, deitado, oh homem! Mas vai, devagar, iluminado por esse luar de Deus. Que Ele te acompanha nesses caminhos falsos! – disse nha Guida para o M'guilim que já ia pelo portão afora, segurando-se numa parede.

Os meninos assistiram a cena, assombrados. Pois, nunca tinham ouvido falar dessa “estória” do ciclope Gongon, a quem Tritão arrancou o olho, deixando-o petrificado na boca da Ribeira das Pombas. Zequinha, o mais curioso do grupo, resolveu, então, manifestar-se:

– Vó Guida, porque não nos contes essa “estória”, parece bastante interessante?!

– Zequinha, isso não é estória não, menino! É facto! Ocorreu, em tempos remotos, quando a Janela ainda não era Janela e a ilha era totalmente diferente do que é hoje. Os escritos da Pedra do Letreiro e o próprio gigante petrificado são a prova disso – disse nha Guida Piteira.

– Hum, está bem, vó Guida! – Continuou o Zequinha, não muito crente com a explicação da avó, para interrogar logo a seguir – Mas, podes nos narrar, ainda assim, esse facto?

– Posso, sim. Mas se preparem, que hoje não irão conseguir pregar o olho no sono! – avisou-lhes nha Guida Piteira, aproveitando a breve pausa para reabastecer e acender o cachimbo que se apagara com o sopro de uma brisa. E assim começou.

Há milhares de anos, muito tempo antes da última Idade do Gelo, esta ilha, que, em meados de 1460, os portugueses vieram a chamar-se de Santo Antão, era tropical. Toda ela estava coberta por uma densa e luxuriante floresta de dragoeiros e as suas principais ribeiras eram, então, rios caudalosos. Chovia imenso, quase todos os dias. Na Ribeira do Penedo, existia um enorme dragoeiro, chamado de Dracus. Uma árvore sagrada para as criaturas que habitavam nas profundezas do Mar d’Boi.

O sangue do Dracus curava toda a espécie de moléstias deste mundo. Podendo até proporcionar vida eterna. Assim, Tritão enviou para terra um gigante de um só olho, a quem chamou Gongon, que ficou guardião de Dracus. No princípio, Gongon era uma criatura pacífica, um ser imaculado.

A Pontinha de Janela também era totalmente diferente do que é hoje. Era parte de uma passagem que ligava a ilha até a entrada secreta para o Reino d'Boi, lugar onde vivem as sereias e os encantados. Apenas Gongon estava autorizado a caminhar pela passagem, no entanto não tinha autorização de Tritão para passar pela entrada secreta onde, hoje, fica o Ilhéu d'Boi.

Nas noites de Lua cheia, em que a Terra e o Sol se alinhavam, com a Lua ao centro, num bailado ancestral, do astro rei com o satélite natural e o planeta, Dracus produzia um único fruto, que deveria ser colhido, juntamente com uma jarra dourada de sangue de dragoeiro. O fruto representava a Lua, o sangue a Terra e a luz do tridente de Tritão, o Sol. A fusão desses três produzia o elixir da imortalidade das sereias e dos encantados.

Durante o eclipse, Gongon, que tinha a altura de Dracus, colhia o fruto sagrado do dragoeiro e, com a sua espada, fazia a árvore sangrar sangue na jarra dourada. Sem demoras, dirigia-se à passagem da Pontinha de Janela, para poder chegar à entrada secreta d'Boi. Lá, encontrava-se com o Tritão, acompanhado dos seus soldados, entregando-lhe a colheita. Gongon sempre executara o procedimento em estrito respeito pelo seu criador.

Até que um dia surgiu no horizonte uma estranha embarcação, vindo não se sabe de onde. A bordo vinha alguns homens e mulheres. Chegados à terra, Gongon lhes acolheu, ao ver que esses não representavam perigo. Explicou-lhes que poderiam

ocupar qualquer lugar na ilha, exceto a Ribeira do Penedo, ficando eles, desde logo, proibidos de aproximar ou tocar no Dracus.

Muitos anos se passaram. Os homens e mulheres tiveram vários filhos. A paz continuava a reinar entre os humanos e Gongon, que escondeu o seu segredo de Tritão. A traição, a inveja e o ódio começavam, assim, a dar os seus primeiros passos na ilha.

Querendo desvendar os enigmas da Ribeira do Penedo, os homens mandaram uma linda jovem ir ter com Gongon. O gigante nunca vira, na sua longa vida, criatura tão linda. Ele se apaixonou de imediato. A jovem trouxe-lhe uvas como presente. Gongon gostou imenso das uvas. Assim, em todos os encontros, ela levava-lhe uvas. Quando, finalmente, conquistou a confiança de Gongon, a jovem levou-lhe uma garrafa de vinho especial, a mando dos homens.

Gongon deliciou-se, num único gole, com o vinho. Este tinha um elevado teor alcoólico, deixando o gigante embriagado. Assim, ele abriu o seu coração à jovem e desvendou-lhe os mistérios de que ele era guardião. O embuste estava a funcionar na perfeição. Tempos depois, Gongon já se comportava diferente. O amor abriu-lhe o coração à maldade dos homens. Esses, sedentes pela imortalidade, conseguiram convencer-lhe a trair o seu criador. Assim, na colheita seguinte, o gigante se uniu aos homens, para montar um complô, a fim de matar Tritão e ficar na posse do tridente.

Ele procedeu como de costume. Durante o eclipse, colheu o único fruto de Dracus e recolheu o sangue na jarra. Entretanto, escondeu-os debaixo de uma pedra na Ribeira do Penedo. Os homens entregaram-lhe uma cópia da jarra, na qual ele levou água tingida de vermelho, no lugar da seiva, tendo substituído o fruto por uma pedra esférica, pintada de laranja. Deixou tudo junto a Pontinha de Janela e dirigiu-se à entrada secreta, sem levar nada. Lá, disse a Tritão que um navio tinha aportado na ilha, trazendo piratas que estavam a atacar a árvore sagrada. Tritão saiu para fora do portal e levantou-se no céu, com o seu tridente já em chamas.

Os soldados foram chamar reforços, enquanto Tritão e Gongon dirigiram-se para Terra. Na Pontinha, Tritão descobriu o embuste. A ilha, que ele presumira deserta, estava repleta de humanos e o seu gigante lhe havia mentido. A jarra era falsa e continha água no lugar de seiva. A substituir o fruto, encontrava-se uma pedra pintada

de laranja. Para piorar a situação, na encosta da Ribeira do Penedo, viu um conjunto de homens atrás de um pedregulho, de atalaia, prontos para lhe atingir, logo assim que se aproximasse do Dracus.

A raiva de Tritão fê-lo elevar-se ainda mais no ar, mirando com o seu tridente fumegante os homens que se encontravam junto do pedregulho. Esses foram evaporados, logo assim que o raio atingiu o pedregulho. Temendo a ira de Tritão, Gongon pôs-se em fuga, à procura de um abrigo ao longo do litoral da ilha. Enquanto isso, Tritão continuava a sua razia, eliminando tudo quanto estava no alcance do seu tridente. Vendo alguns homens já na passagem, tentando alcançar o portal secreto, que se encontrava escancarado, mirou-os com um raio. Dessa passagem, apenas restou para a história a Pontinha de Janela. Tudo o resto que ia até ao portal secreto do Boi, ficou destruído ou submerso, isolando, assim, o Ilhéu d'Boi da ilha principal.

Ao ver fugir Gongon pelo litoral abaixo, Tritão tentou alcançá-lo. O gigante conseguiu desviar-se de algumas investidas que Tritão lhe fazia com o tridente. Sem chances de fugas, Gongon ficou encurralado à entrada da Ribeira das Pombas. Lá, se ajoelhou e curvou-se perante Tritão, pedindo-lhe perdão. Mas, a fúria de Tritão fê-lo cego.

Com o tridente, arrancou, com extrema violência, o olho de Gongon, fundindo-o com a Lua cheia, que ficou tingida de sangue (Lua de Sangue). Gongon elevou as suas mãos à cara, tentando estancar o sangue que jorrava em cascata pela testa abaixo. Nisso, Tritão, com um raio, enclausurou Gongon, deixando-o petrificado num monte.

Quando Tritão retornou à Pontinha de Janela, para pôr um fim em toda a ganância que à ilha chegou com os homens e que, feito erva daninha, ameaçava o frágil equilíbrio entre os mundos da água, da terra e do fogo, cravou o tridente no chão, fazendo destruir o Dracus. Recolheu a última colheita que Gongon escondera debaixo de uma pedra na Ribeira do Penedo. Na face da pedra, com o tridente, grafou hieróglifos, até hoje indecifráveis, para o comum dos humanos. Regressou ao seu palácio, nas profundezas do mar, deixando apenas visível o Ilhéu d'Boi, com a entrada secreta selada, para sempre.

– E assim, tendo sido até hoje, meus filhos. Apenas seres especiais, como os encantados, conse

Lua de Sangue se alinhar com a face petrificada de Gongon, este retornará para se vingar da traição dos humanos – finalizou nha Guida Piteira, observando a Lua em sangue vivo, no alto do terreiro.

Nesse momento, escutou-se um grito fazendo eco no Cabouco de Finado. Era a voz de M'guilim d'Aninha. Os meninos desataram-se a correr para casa, tremendo que nem varas verdes.

Socram d'Arievilo in Janela Fantástica – Contos e lendas de Santo Antão. (Disponivel em www.balai.cv)

Lendas Populares da República de Cabo Verde: Gongons, Maçongues, Catchorronas, Capotonas e Canelinhas ESTÓRIAS E LENDAS DE CABO VERDE, SONHANDO COM OS GONGONS, MAÇONGUES, CATCHORRONAS, CAPOTONAS.....

A propósito de estórias e lendas de Cabo Verde, antigamente havia aqueles contadores de estórias, que costumavam assustar as pessoas, contando aquelas estorinhas de CATCHORRONA, MAÇONGUE, CAPOTONA, GONGON, etc.

Esses grandes contadores, tinham uma certa predileção sádica para aterrorizar os seus ouvintes com os casos das feiticeiras e das almas penadas de outro mundo, de Capotona (ser masculino assustador que aparecia a desoras, usando um grande capote aberto), de Catchorrona (seres sobrenaturais com aspeto de cão gigante que atacavam as pessoas à noite), de Gongom (figura medonha), de Canelinha (ser muito magro, de uma única metade (só ossos), que corria sempre em linha recta para não se desconjuntar) e dos Maçongues (Maçons que, segundo a crença popular de então, pagavam aos incautos para entregar cartas de morte).

O problema surgia depois, quando se tinha que ir pra casa, e era preciso fazer o percurso de regresso, com pouca luz ou às escuras, e as sombras dos montes de pedra, das charuteiras, das espinheiras e das tamareiras, abanadas pelo vento, faziam evocar aquelas figuras. Morria-se de medo e corria-se aos ziguezagues para despistar os possíveis e imaginários perseguidores. Uma vez sobrevidido à chegada a casa depois, antes de deitar, era preciso espreitar debaixo da cama para ter a certeza de que não se tinha alguma companhia desagradável...Finalmente, só restava a companhia do escuro e do que ele poderia esconder.....

Já agora, ninguém tem uma estória para contar?
Sugerido por Adriano M. Lima à(s) 8/14/2014

Disponível em arrozcatum.blogspot.com

Lendas Populares da República de Cabo Verde: Jardim das Hespérides

Esquina do Tempo: As Ilhas do Meio do Mundo
Por Expresso das Ilhas, 29 nov 2016

As Ilhas do Meio do Mundo (2016), o último livro de Oswaldo Osório, enquanto objecto cultural, é um livro muito bonito. A concepção e a execução da capa é a expressão de uma sintonia perfeita de comunicação entre o avô-poeta e o neto-designer, onde se conjuga o erotismo, a lenda e o mito das hespérides.

Mesmo correndo o risco de ser acusado de ousado ou exagerado na minha interpretação, dizendo mais do que diz ou dizendo mais intensamente o que não diz, considero que a capa é de um erotismo quente com gosto a maçã que, lá, no fundo, evoca Eva, a mulher inicial, origem da feminilidade, expectante da vida, ou não seria a metáfora um recurso a que o poeta faz uso para exprimir as suas ideias.

Isso é evidente pela figura de uma meia maçã cortada longitudinalmente, que se faz presente, tendo à frente, encostado ou saindo da sua polpa, ou caroço, um dragoeiro de onde parece ter brotado a seiva e o vermelho que se alastra e cobre a capa toda.

É bom não esquecer que o dragoeiro é uma árvore milenar originária da região biogeográfica atlântica da Macaronésia, nativa dos arquipélagos das Canárias, Madeira e Açores, ocorrendo localmente da costa africana vizinha e em Cabo Verde, onde existe quase exclusivamente na ilha de São Nicolau, sendo uma árvore característica da ilha, e na Brava.

A seiva do dragoeiro forma uma resina translucente, de cor vermelho sangue quando oxidada, denominada, sangue-de-drago ou de dragão e que, devido às suas propriedades curativas, é muito usado nas ilhas. A medicina tradicional não o dispensa nas suas mesinhas. O sangue-de-drago é usado, entre outras coisas, para dores para o corpo, tomado em aguardente. É tido como fortificante e há quem o considere afrodisíaco.

Juntando a seiva do dragoeiro à seiva do livro, consegue-se o fortalecimento do corpo e da alma leitora.

O mito, esse, está a um nível mais profundo e obriga-nos a alguma explicação mais racional e mais detalhada. Refiro-me ao mito lendário das Hespérides ou das Ilhas Hesperitanas, também chamadas Ilhas Arsinárias.

A lenda das Hespérides reporta à mitologia grega, segundo a qual as três filhas de Héspero – deus, filho de Aurora e Atlas – possuíam um jardim cujas árvores produziam pomos (maçãs) de oiro, que eram guardados por um dragão de cem cabeças. Conta-se que Hércules entrou no jardim maravilhoso, matou o dragão e se apoderou dos preciosos frutos. Foi este o undécimo dos seus doze trabalhos.

Qualquer que seja a origem histórica da lenda das Hespérides ou da Atlântida, ela permaneceu no espírito dos homens, à luz dos textos egípcios em que Platão se inspirou, como símbolo de uma espécie de paraíso perdido ou cidade ideal e da Idade do Ouro.

Luís de Camões (1524 – 1580), no Canto 5º, Estâncias VIII e IX de Os Lusíadas (1572), identificava as Hespérides com as Ilhas de Cabo Verde:

.....

Entrámos, navegando polas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;
.....

Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.
Àquela ilha aportámos que tomou
O nome do guerreiro Sant'Iago,
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.

Este mito lendário viria a ressurgir em Cabo Verde nas décadas de vinte e trinta do século passado, com as criações poéticas de Pedro Cardoso (Fogo, 1883 – 1942) e José Lopes (S. Nicolau, 1872 – 1962), dois antigos alunos do Seminário-Lyceu.

Avivando a lenda, Pedro Cardoso editou Jardim das Hespérides (1926) e Hespérides (Fragmento de um poema perdido em triste e miserando naufrágio) (1930) e José Lopes – "o vate hesperitano", como se intitulava – Jardim das Hespérides (Sonetos do livro Hesperitanas) (1929), Hesperitanas (Poesias) (1933) e Alma Arsinária (Poemas em aditamento do livro Hesperitanas) (1952).

O recurso ao mito terá sido uma forma encontrada por Pedro Cardoso e José Lopes para a criação, explicação e fundamentação da tese de que as ilhas teriam tido "existência" e sido conhecidas muito antes da chegada das "lusas velas legendárias". A relevância deste facto é que, com base nesse pressuposto, se poderia reivindicar a especificidade das Ilhas, o que daria força à tese da autonomia.

Eis como o mito é apresentado por José Lopes (1933:25-27):

Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram essas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs,
Como elas, pelo Atlântico dispersas.
As Hespérides, de Héspero as três filhas,
Por essa mesma tradição,
Deram o nome às nossas, com razão
Chamadas, pois, Ilhas Hesperitanas.
Também se denominam Arsinárias
Pelo cabo Arsinário dos Antigos,
Nome mudado em Caboverdeanas
Desde que as lusas velas legendárias,
Zombando das procelas, dos perigos,
Davam o nome Verde ao mesmo cabo
Que assim perdia o que lhe déra Strabo.

.....

É esta, pois, Irmãos Caboverdeanos!
A história original da nossa terra,
Que esse segredo do Passado encerra...

.....

Por seu lado, Pedro Cardoso (1926) escreve que

.....

As antigas Hespérides sagradas
São hoje as cabo-verdeanas ilhas
Mansões deliciosas e encantadas
De sereias gentis – de Héspero filhas
Guardam no seio, oculto, o pomo de oiro
Em luzente metal rico tesouro.

Defendendo a especificidade e a singularidade das Ilhas com uma “história original” – somos filhos, [...] de outros gigantes/ Que, ‘por mares não de-antes navegados’/ Nossas Ilhas tiraram do mistério/ Repovoando estes restos espalhados – criava-se o fundamento para a alegação da sua autonomia económica e política, à semelhança das ilhas adjacentes da Madeira e dos Açores, outras suas célebres irmãs. Ou seja, justificava-se a posição de defender uma identidade para Cabo Verde, o que resultava, a nível individual ou coletivo do seu povo, na defesa de uma identidade distinta, específica e singular em relação ao país que o regulava, Portugal.

Essas ilhas fabulosas do Atlântico, por isso chamadas Ilhas Hesperitanas, foram nos nossos dias identificadas com as Canárias atuais.

O tema das Hespérides ressurge, mais uma vez, em As Ilhas do Meio do Mundo de Oswaldo Osório, adaptado aos novos tempos. Sendo Oswaldo Osório um Poeta maior, com várias obras publicadas –Caboverdiamadamente construção meu amor (1975), O Cântico do Habitante Precedido de duas Gestas (1977), Clar(a)idade Assombrada (1977), Cantigas de Trabalho, Tradições orais de Cabo Verde (1980), Emergência da Poesia em Amílcar Cabral – 30 poemas (1988), Contos Os Loucos Poemas de Amor e Outras Estações Inacabadas (1997), Nimores e Clara &

Amores de rua (2003) e A Sexagésima Sétima Curvatura (2008) – a escrita deste romance é o seu culminar, enquanto escritor, e que o consagra como romancista.

_____

NOTAS: OSÓRIO, Oswaldo, As Ilhas do Meio do Mundo, Dada Editora, Praia, 2016. Disponível em expresso das ilhas.cv

Lendas Populares da República de Cabo Verde: A lenda da Atlântida, O continente perdido e a Origem do Arquipélago de Cabo Verde

ORIGEM MITICA D`NÓS TERRA «A minha pátria é uma montanha/Olímpica, tamanha!» (Cardoso, 1989: p.158). A origem mítica do nosso arquipélago é atribuído por algumas correntes a textos de Platão, que recupera a misteriosa Atlântida, numa lenda narrada em diálogos, acerca de uma conversa que se terá passado entre Sócrates e seus discípulos em Atenas (421 aC), conjugando-a com o do Jardim da Hespérides. Nesses textos Platão conta que, aquando da viagem de Sólon ao Egipto, conversando com sacerdotes, um deles lhe falou de tradições antigas respeitantes a uma guerra outrora sustentada por Atenas contra os Atlantes, povo que habitava ilhas situadas defronte da Coluna de Hércules, à saída do Mediterrâneo, quando se entra no Atlântico. Platão informa, ainda, que os Atlantes teriam procurado dominar o mundo inteiro, mas foram vencidos pelos Atenienses. Pouco mais acrescenta sobre a Atlântida que, segundo o mesmo, foi devastada por um cataclismo – castigo de Zeus – e engolida pelas águas do Atlântico, ficando apenas os cumes das montanhas, que corresponderão aos arquipélagos localizados na parte central desse Oceano, Nós terra. Entroncado neste contexto está o mito hesperitano ou arsinário, que uma vez mais vai beber na cultura grega, ao retomar a lenda das Hespérides, território onde existiria o “Jardim dos Deuses” ou “Jardim das Hespérides”, que por sua vez serviu de inspiração a poetas caboverdianos (Pré-Claridosos) como José Lopes e Pedro Cardoso nalgumas das suas produções. Afamado pelos seus deliciosos frutos e onde também existiam maçãs de ouro, possuía um clima ameno, atributos que fizeram com que fosse identificado com o Paraíso e motivo porque era guardado por Lódon, dragão de cem cabeças.

Entretanto, no âmbito dos “Doze trabalhos de Hércules” se insere a lenda segundo a qual uma dessas tarefas era justamente estar incumbido por Euristeu de roubar maçãs de ouro às Hespérides. Para tanto persuadiu Atlas (que conhecia Lódon) a ir ao jardim roubar três maçãs de ouro, enquanto ele se incumbiria de suportar o céu no seu lugar e efectivamente Atlas conseguiu matar Lódon e retirar as maçãs. Este facto está também presente no imaginário cabo-verdiano, pois o sangue derramado por Lódon espalhou-se pelo Jardim da Hespérides, dele nascendo o Dragoeiro (Dracaena draco), cuja seiva é conhecida nalgumas ilhas por “sangue do dragão” e árvore que está em extinção, mas que encontrou no arquipélago o seu habitat natural onde se reproduz espontaneamente, mesmo sítios quase inacessíveis.

Eis como o mito é apresentado por José Lopes (1933:25-27): Das vastas extensões assim submersas Então ficaram essas nossas ilhas E as outras suas célebres irmãs, Como elas, pelo Atlântico dispersas. As Hespérides, de Héspero as três filhas, Por essa mesma tradição, Deram o nome às nossas, com razão Chamadas, pois, Ilhas Hesperitanas. Também se denominam Arsinárias Pelo cabo Arsinário dos Antigos, Nome mudado em Caboverdeanas Desde que as lusas velas legendárias, Zombando das procelas, dos perigos, Davam o nome Verde ao mesmo cabo Que assim perdia o que lhe déra Strabo. É esta, pois, Irmãos Caboverdeanos! A história original da nossa terra, Que esse segredo do Passado encerra... Por seu lado, Pedro Cardoso (1926) escreve que As antigas Hespérides sagradas São hoje as cabo-verdeanas ilhas Mansões deliciosas e encantadas De sereias gentis – de Héspero filhas Guardam no seio, oculto, o pomo de oiro Em luzente metal rico tesouro. Qualquer que seja a origem histórica da lenda das Hespérides ou da Atlântida, ela permaneceu no espírito dos homens, à luz dos textos egípcios em que Platão e nossos escritores se inspiraram. Cabo Verde é uma das filhas da Mãe Atlântida, Hespérides ou Ilhas Hesperitanas ou Arsinárias devido ao cabo Arsinário, mudado para Caboverdeanas.

Disponível em www.ligoc.cv/

Lendas Populares da República de Cabo Verde: A lenda da Cachorrona

Segunda-feira, 6 de maio de 2013
Mindelo sobrenatural - Lenda de Catchorrona

Yolanda pensava seriamente em aventurar-se pela noite dentro com a bebé ao colo, a cabeça ia a mil a horas, não havia outra solução, já estava decidido, ficar em casa estava fora de questão.

Eram por volta das 19 horas de um mês de Outubro, nesses dias o tempo é fresco ao cair da noite, mas isso não era nada. Andar pelos becos das zonas de Mindelo, numa noite de geada seria um acto de coragem ou apenas a inconsequência de cega paixão, o ciúme, o desespero de ser mãe só?

Algumas horas mais cedo, Yolanda, menina de 23 anos de idade, recém-casada, mãe de uma filha de dez meses, havia arrumado a casa, preparado o almoço, tinha brincado com filha, sentindo-se por vezes muito feliz e, por outro lado, uma dor de saber que tal felicidade estava marcada.

Yolanda deixara o trabalho de doméstica porque José fazia plantão à frente do serviço dela todos os dias. Sentia-se de tal forma pressionada que tinha de largar tudo pelo meio. Assim ela não durou em nenhum trabalho.

Amar significaria mesmo aguentar violência psicológica e física por parte do seu amado companheiro? Tal questão assombrava a mente de Yolanda que desesperadamente tentava agarrar-se à réstia de felicidade que via naquele lar, símbolo do seu sonho de amor.

José chegou a casa, não larga o telemóvel, bate furiosamente em Yolanda quando descobre que ela toma pílulas anticoncepcionais, derruba a comida da mesa, toma banho, perfuma-se e sai outra vez, como faz todas as noites à mesma hora.

As más-línguas contaram a Yolanda que o companheiro tinha uma amante na zona da Ribeirinha. Desta vez, Yolanda decide sair atrás do marido. Estava cansada porque o dia tinha sido puxado mas naquele momento apenas sentia uma energia frenética que a conduzia e podia observar de longe os passos do marido.

José, de 28 anos de idade, homem trabalhador, admirado pelos amigos e simpático com os vizinhos, não tardou, fez uma pausa numa tasca onde permaneceu por um instante continuando depois o passeio sem dar conta da sua mãe d filho que o perseguia silenciosamente. Finalmente chegou a uma casa onde parou e chamou à porta.

O coração de Yolanda acelerou-se ainda mais quando viu que o companheiro fora atendido por uma mulher. A dona da casa onde ele ia todas as noites. Afinal ele tinha ido mesmo visitar a tal amante, os rumores eram verdade, pensou.

Yolanda ficou ali à espera que ele saísse, desistiu, ele não saía. Voltou para casa, certa do que vira, triste e apressada pois, a filha estava exposta. O caminho de casa pareceu-lhe longe, o peso da dor no coração tornavam vagarosos os passos que minutos atrás eram ágeis e rápidos. A noite parecia mais escura do que nunca, havia que continuar e já se sentia petrificada. O silêncio ensurdecedor fazia ondas ópticas no chão, a rua parecia ter começado a respirar e a mexer-se como se tivesse vida própria. Repentinamente avistou um cãozinho castanho, mas não deu a mínima importância. As ruas pareciam cada vez mais desertas, quando deu por si estava sendo acompanhada por um cão maior e castanho.

Seria o mesmo cãozinho de há pouco? Yolanda lembrou-se das histórias das “Catchorronas” (seres sobrenaturais com aspecto de cão gigante que atacam as pessoas à noite). A lenda dizia que o certo a fazer é meter conversa com o cão, fazendo perguntas como.”O que fazes por aqui?” e nunca mostrar medo, caso contrário, a coisa pode abafar uma pessoa fazendo com que ela fique “inocente” para o resto da vida.

Faltava pouco para chegar a casa, tudo controlado, nada de medo, mas o cão havia triplicado de tamanho. Seguindo os preceitos de segurança relativos à lenda, Yolanda conseguiu abrir a porta sem dar as costas ao bicho. Ao entrar em casa sentiu um bafo que entrava por baixo da porta, uma força inexplicável que a puxava para fora e um barulho tal que parecia o desabar dum monte de pedras da calçada.

A sabedoria popular diz que as catchorronas são os espíritos de mulheres que em algum momento da vida fizeram aborto voluntário. Conta a lenda que a mulher que aborta não tem paz depois de morrer, pois o seu espírito tem de ficar na terra para pagar penitência, assim transforma-se em “catchoorrona” e tem de permanecer dessa forma até cumprir o tempo necessário para criar o filho que abortou quando era viva.

Publicada por Isa Dora Lélis Lopes Silva à(s) 06:36
Disponível em saborcaboverde.blogspot.com

Lendas Populares da República de Cabo Verde: Diversas lendas

FOLCLÓRIO DE CABO VERDE
Folclórico de Cabo Verde

As lendas de Cabo Verde fazem parte da rica tradição oral do arquipélago e refletem as crenças, mitos e histórias que foram transmitidas de geração em geração. Essas histórias muitas vezes envolvem elementos sobrenaturais, espíritos, e figuras míticas, sendo um reflexo da cultura e da natureza única de Cabo Verde. Aqui estão algumas lendas populares:

A Lenda da “Pomba Branca

Essa lenda é bastante conhecida nas ilhas de Cabo Verde, especialmente em Santiago. Segundo a história, uma mulher muito bonita, mas que vivia em pecado, foi amaldiçoada por um santo. Como punição, ela foi transformada em uma pomba branca, e condenada a voar sem cessar pelo céu de Cabo Verde. A pomba só pode retornar ao seu corpo humano se, em algum momento, encontrar um homem que a ame verdadeiramente, sem jamais julgar o seu passado.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da “Mãe d'Água” (Mãe d’Água)

A "Mãe d’Água" é uma figura mitológica presente na tradição cabo-verdiana, principalmente associada à ilha de São Vicente. Ela é representada como uma mulher misteriosa, que vive em lagos e rios, e t

versões da lenda, ela é descrita como uma mulher muito bela, mas que também pode ser perigosa. Diz-se que quem desrespeitar a Mãe d'Água ou tentar invadir os seus domínios será punido, sendo muitas vezes levado para o fundo das águas.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

O “Tchuta”

O "Tchuta" é uma figura popular nas lendas cabo-verdianas, especialmente nas ilhas de Santo Antão e São Vicente. Ele é um ser mitológico, geralmente retratado como uma criatura de aparência humana, mas com traços animais. O "Tchuta" é conhecido por enganar as pessoas, se transformando em uma pessoa normal, mas com intenções maliciosas. Ele costuma aparecer à noite e é uma espécie de vigilante das tradições antigas. Conta-se que ele pode levar as pessoas para lugares distantes, onde as perdem na escuridão e na solidão.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da “Cavalo Marinho”

Nas águas das ilhas cabo-verdianas, existem várias histórias sobre o “Cavalo Marinho”, um ser misterioso e mágico que vive nos oceanos. De acordo com a lenda, ele é um ser protetor do mar, e aqueles que tratam o oceano com respeito e reverência são recompensados com boas pescarias. No entanto, quem desrespeita o mar ou é ganancioso acaba encontrando o Cavalo Marinho, que pode desencadear tempestades violentas ou engolir barcos inteiros.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de “São João de Deus”

Esta é uma lenda ligada à religiosidade popular de Cabo Verde. Diz-se que São João de Deus, um dos santos mais venerados, desceu do céu para proteger a ilha de Santiago de um grande mal que ameaçava a população. O santo teria intervindo em um momento crítico, vencendo forças do mal e trazendo paz e prosperidade à ilha. Em

algumas versões da lenda, ele aparece em forma de luz, guiando as pessoas em momentos de dificuldade.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

O “Peixe Grande” (Ou o “Peixe Dragão”)

Essa lenda é comum em várias ilhas e fala de um enorme peixe marinho que vive nas profundezas do oceano. O “Peixe Grande” é descrito como um monstro marinho que pode ser visto apenas em noites de lua cheia. Ele tem a aparência de um dragão, com escamas reluzentes e olhos flamejantes. Diz-se que este peixe representa a força e a bravura do mar, sendo uma figura respeitada por pescadores e marinheiros.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de “Zé de Cova”

Zé de Cova é uma figura mítica que, segundo a tradição popular, era um homem muito simples, mas com uma sabedoria profunda e misteriosa. Ele morava em uma cova isolada e, apesar da sua aparência modesta, tinha o poder de se comunicar com os espíritos e de curar os doentes. Diz-se que ele possuía um talismã mágico, que o protegia de qualquer mal. Muitas pessoas procuravam Zé de Cova para resolver problemas espirituais e para obter conselhos sobre o futuro. Essas lendas são apenas uma pequena amostra do vasto imaginário popular de Cabo Verde. Elas continuam a ser contadas e adaptadas ao longo dos anos, refletindo a beleza e a complexidade da cultura cabo-verdiana.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de Maria Gorda

Maria Gorda é uma das figuras mais conhecidas da mitologia cabo-verdiana. Ela é descrita como uma mulher obesa e extremamente feia, mas com uma grande sabedoria e força. Segundo a lenda, ela vive nas montanhas e, apesar de sua aparência

horrível, ajuda aqueles que procuram por ela em momentos de necessidade. Ela também é associada a uma série de feitos extraordinários, sendo considerada uma figura de poder e mistério. A história de Maria Gorda pode ser vista como uma metáfora para a superação dos preconceitos e a ideia de que a sabedoria e o valor de uma pessoa não estão na aparência física, mas sim em seu caráter e ações.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda do “Cão Preto” (ou “Cão de Fogo”)

Esta lenda fala de um cão misterioso e de aparência sobrenatural que aparece em algumas noites escuras. O cão é frequentemente descrito como sendo negro, de olhos flamejantes, e é considerado um ser maligno. A história diz que, quando o "Cão Preto" aparece, é sinal de que algo ruim está prestes a acontecer, como uma morte ou um desastre iminente. Em outras versões da lenda, o cão é um espírito protetor que vem avisar ou resgatar aqueles que estão em perigo. Ele pode ser visto como um guardião dos segredos ou uma entidade espiritual ligada a rituais de proteção.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de Nossa Senhora da Luz

A ilha de São Nicolau tem uma lenda muito popular envolvendo Nossa Senhora da Luz. A história conta que, durante uma tempestade, os pescadores da ilha estavam perdendo a esperança de sobreviver. Quando tudo parecia perdido, apareceu uma luz misteriosa sobre o mar, guiando-os até a segurança. Eles acreditaram que a luz era a manifestação da Virgem Maria, e desde então, Nossa Senhora da Luz se tornou a padroeira da ilha. A imagem da Virgem Maria, conhecida como "Nossa Senhora da Luz", é muito venerada, e anualmente realiza-se uma grande festa em sua homenagem, com procissões e celebrações religiosas.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda do Rei da Ilha do Fogo

O vulcão da Ilha do Fogo tem uma presença imponente e é o centro de várias lendas e mitos em Cabo Verde. Uma das lendas mais populares conta a história de um rei que, ao tentar dominar a ilha e explorar suas riquezas naturais, foi tragado pela erupção do vulcão. O rei, arrogante e ambicioso, ignorou os avisos dos anciãos sobre o poder

destrutivo da natureza, e acabou sendo engolido pelas chamas. Essa lenda pode ser vista como um aviso sobre os perigos da arrogância e do desrespeito pela força da natureza, além de ilustrar a relação íntima entre o povo de Cabo Verde e o seu território vulcânico.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da Ilha de Santiago e o Espírito da Mãe Natureza

Na Ilha de Santiago, a maior de Cabo Verde, há uma lenda que conta sobre o espírito da Mãe Natureza que habita as montanhas e vales da ilha. Este espírito é protetor da natureza e dos animais, mas também é capaz de punir aqueles que desrespeitam o meio ambiente ou que cometem atos de destruição contra a terra. Segundo a lenda, quem desmata ou maltrata a terra sente a ira da Mãe Natureza, que pode fazer com que as colheitas sejam destruídas ou que grandes tempestades se abatam sobre a ilha. A lenda reflete a reverência da população cabo-verdiana pela natureza e a importância da preservação do meio ambiente.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da Fonte da Juventude

Esta lenda é uma versão local das histórias que falam sobre fontes mágicas que têm o poder de restaurar a juventude. Na versão cabo-verdiana, a fonte é encontrada nas ilhas desertas, onde poucos se aventuram. Diz-se que quem encontrar a fonte e beber de suas águas poderá voltar a ser jovem, mas a busca por ela é perigosa e cheia de desafios. A fonte da juventude simboliza o desejo humano de recuperar a juventude perdida e a eterna busca por imortalidade, um tema comum em muitas culturas ao redor do mundo.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A lenda da ilha de Santa Luzia

A Ilha de Santa Luzia, uma das ilhas desabitadas de Cabo Verde, é cercada por mistérios e lendas. Uma das mais conhecidas é a história de um barco que naufragou perto da ilha. Supostamente, a tripulação teria sido amaldiçoada e os espíritos dos marinheiros ainda vagam pela ilha, impedindo que ela fosse povoada. Dizem que

aqueles que tentaram habitar a ilha ou navegar em suas águas nunca mais voltaram, sendo vítimas de fenômenos inexplicáveis.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da Ribeira Grande de Santiago

Santiago é uma das ilhas mais antigas de Cabo Verde, e a sua história está imersa em mitos e lendas. Uma das mais conhecidas é a lenda da Ribeira Grande, que fala de um rio encantado que surgia de um poço misterioso. Diz-se que quem bebesse da água do rio se tornava imortal, mas a condição era que a pessoa jamais poderia sair da região da Ribeira Grande. Muitos tentaram aproveitar a água mágica, mas poucos sobreviveram à tentação de sair e enfrentar a vida fora da ribeira.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda da Fada do Mar

Uma lenda popular entre os pescadores de Cabo Verde é a da "Fada do Mar". Ela seria uma figura mística que habita as profundezas do oceano. Algumas histórias afirmam que ela aparece nas noites de lua cheia, oferecendo aos pescadores uma pesca abundante em troca de uma oferenda. No entanto, aqueles que não respeitam as regras da fada e tentam enganá-la acabam enfrentando grandes tempestades e perdas nas suas viagens.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

O Vento de São Vicente

São Vicente é uma das ilhas mais famosas de Cabo Verde, conhecida pela sua forte ligação com a música e a cultura do país. Há uma lenda que conta que o vento que sopra constantemente na ilha é controlado por uma antiga entidade que habita as montanhas. Esse ser místico, uma espécie de espírito da natureza, quer garantir que os habitantes de São Vicente permaneçam alertas e nunca se esqueçam da sua ligação com o mar e a terra. O vento é visto como um aviso de que a ilha está viva e em constante movimento.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de Diabo e a Serra da Malagueta

Esta lenda fala sobre um homem muito ganancioso que, em sua busca por riqueza, fez um pacto com o diabo. O diabo o levou até a Serra da Malagueta, uma região montanhosa de Santiago, onde o homem deveria realizar um sacrifício. No entanto, antes de cumprir o pacto, o homem se arrependeu e tentou enganar o diabo, mas a trapaça resultou em uma série de desastres que destruíram a vida dele e de sua família. Desde então, a Serra da Malagueta é considerada uma região de "maldição", onde muitos dizem ter visto figuras misteriosas e fenômenos estranhos.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

A Lenda de D. João e a Princesa

Esta é uma lenda romântica que se passa na ilha de Fogo. Conta-se que o rei D. João, um nobre de Portugal, se apaixonou por uma princesa local durante uma visita ao arquipélago. Ela, no entanto, estava prometida a outro príncipe, e por isso os dois não podiam ficar juntos. Desesperado, o rei fez um pacto com forças sobrenaturais para ganhar o coração da princesa. O pacto envolvia uma série de desafios e sacrifícios. No entanto, o destino não foi favorável, e o amor proibido resultou na separação dos dois, com a princesa desaparecendo nas erupções vulcânicas da ilha de Fogo. Desde então, o vulcão é considerado o "testemunho" do amor perdido.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

O homem sem perna

O homem sem perna ganhou este nome porque ele era um escravo aprisionado numa solitária que só recebia comida o suficiente para não morrer ele já estava preso a 2 anos por desobedecer a um superior a lenda diz que ele fartou se dessa vida e por isso comeu a própria perna para poder libertar se das correntes que o prendiam ele assim come a sua perna e consegue fugir a pé Coxinho mas ele não conseguiu ir muito longe ele foi encontrado e capturado. Por tentar fugir ele recebeu a pena de morte. Antes de morrer ele jurou que iria vingar-se de toda a humanidade pois ninguém ficou do seu lado. Agora ele anda a vagar pelas ruas de São Pedro a raptar todos o que passam pelo lugar onde a sua vida foi tirada e ai tortura-os ate a morte. A lenda ficou tão forte que desde 1879 o lugar esta interdito e se alguém entrar e por algum acaso conseguir sair os guardas do local não deixaram que ele saia da zona fechado pois cresse que se isso acontecer e o próprio homem sem perna a controlar o corpo daquela pobre alma para conseguir espalhar o terror.

Disponível em ritabloggersv.blogspot.com

Poema da autoria de Carlos Alberto Frederico Tavares: Sou habitante de um Promontório

Sou morador,
De um promontório
Sou da ilha
Do cabo do atlântico.

Enfadado estou,
De ver tantas águas,
Que não matam
A sede do meu povo.

Habituado,
A sua costa,
Em meio ao incrível areal,
Que não pode ser magoado.

O que me faz,
a DEUS louvar.

Sou do cabo probatório,
Onde há clareza de luar!
Neste cabo, os homens se refrescam no mar,
Que floresce os seus pensamentos.

Sou do povo que saiu do purgatório,
Limpo estou de toda a malícia,
Apregoo bens,
Como um homem renovado.

Poema da autoria de Carlos Alberto Frederico Tavares: Mar

Mar, mar,
Bate as tuas ondas na areia,
Chame para fora as sereias,
Que lá estão no bar a dançar,
Lá, no fundo, oh mar!

Levanta-te ò grande abismo,
Vem sem vaidade e sem egoísmo,
Para eu beijar,
As coisas que eu mais almejo.

Ó, grandes águas,
Que viestes de países distantes,
Eu vi-te e fui confiante,
Em cima do vento turbilhante,
A procura do teu diamante.

Poema da autoria de Carlos Alberto Frederico Tavares: Pastor

Belas águas de verão,
O sol se pôs no serão,
Depois de uma bela banhada,
Ele seguiu com a sua manada.

Subiu a derrocada,
Dormiu na estrada,
Amanheceu engripado,
Com fome doirada.

Conto Popular da República de Cabo Verde: Tio Lobo, Chibinho e Tia Ganga

Uma vez, havia um Lobo e um Chibinho que há muito tempo não se viam. Todos os dias, o Lobo olhava o mar e ia apanhar caranguejos, lagostas para comer. Certo dia, ele encontrou o Chibinho. De longe, viu-o gordo, rijo e valente. Sentou-se em cima de uma pedra, com as mãos no queixo, tristonho… Quando o Chibinho chegou perto dele, achou-o muito triste e perguntou:

– O que tem o Tio que está triste assim?
E o Lobo respondeu:
– Chibinho, tenho uma coisa trancada nos dentes, que está a doer-me tanto! Graças a Deus, apareceste aqui!… Tira-me isto depressa, Chibinho!
– Sim, sim, tiro-lhe com um pau!
E o Lobo.
– Não, com pau não, está a doer de mais.
– Meu tio, é com pau que vou tirar, o senhor é muito esperto!… Se eu puser o dedo, o senhor morde-me.
E o Lobo.
– Não, Chibinho, como tenho dor nos dentes, não consigo pegar nada com a boca. Mesmo que queira.
– Então, Ti Lobo, abra a boca e deixe-me tirar-lhe!
Mal Chibinho meteu o dedo na boca, o Lobo pregou-lhe os dentes no dedo. Chibinho desata aos gritos:
– Uai, uai, uai!… Meu tio, o senhor não é sério… É assim que se faz?
– Qual sério? Diz Ti Lobo. É assim mesmo que se faz!… Diz-me, já o que andas a comer, que estás gordo dessa maneira, e eu magro deste jeito!
– Meu tio, Ti Lobo, são somente ovos da Tia Ganga que ando a comer!
– Então, diz-me já a que horas vais, para irmos juntos.
– É à noite, ali pela madrugada, que eu vou! Responde Chibinho.
Dito isto, o Lobo soltou-lhe o dedo, mas não folgou do lado do Chibinho.
À tarde, foram a uma achada e fizeram um funco, para dormirem e não ficarem à noite ao relento.
Entraram no funco. Quando a noite já ia alta, diz Ti Lobo:
– Vamos, Chibinho! Vamos!

E o Chibinho…
– Meu tio, é cedo de mais! É madrugada dentro, quando a Tia Ganga sair de casa para ir às compras. Então é que vamos. Se formos antes, ela estará em casa, e assim não conseguiremos comer os ovos.
– Está bem, Chibinho, vamos esperar!
Passou-se mais um bocado, e Ti Lobo insistiu.
– Ó, Chibinho vamos! Vamos, vamos…
– Meu tio, vamos dormir mais um pouco… Ainda é cedo. Esperemos madrugada dentro… Quando o galo cantar!
Então, o Lobo saiu, foi para trás do funco, parou um bocado, bateu com as mãos no peito e fez assim:
– Có-culé-cóóó, co-culé-cóóó! Chibinho o galo já cantou, vamos agora!
Chibinho respondeu-lhe desconfiado.
– Meu tio, essa era a sua voz. Vamos, mas é quando o galo cantar, quando estiver bem claro, o céu lá em cima do mar.
Passado mais um bocado, o Lobo levou a mão ao bolso, tirou uma caixa de fósforos e pegou fogo ao funco. Vira-se para Chibinho e diz:
– Chibinho, levanta-te e vamos! O sol começa a acordar. Olha só o clarão que está no céu ali!
De um salto, Chibinho levanta-se, sai à rua e diz:
– Pronto, meu Tio, agora já pegaste fogo ao funco por causa dessa tua barriga larga… Assim, vamos ficar na rua até de madrugada.
Quando a madrugada clareou, viram a casa da Tia Ganga e foram em direção à porta.
– Porta, abre-te! Ordenou Chibinho.
– Para espanto de Ti Lobo, a porta abriu-se, e entraram. Lá dentro, Chibinho diz à porta:
– Porta, fecha-te!
E a porta fechou-se de novo. Sorrateiramente, meteram-se debaixo da cama da Tia Ganga, e comeram ovos à vontade.

E Chibinho diz ao Tio:
– Meu tio, já chega, já chega. Agora vamos!
O insaciável Lobo responde:
- Oh seu descarado!… Eu nem me fartei ainda, quanto mais para guardar alguns ovos num saco. Então, Chibinho sai do funco e diz:
– Vou-me embora, vou-me embora. Porta, fecha-te!
Fechou-se a porta e o nosso Chibinho foi-se embora. Lá dentro, ficou o Lobo a comer ovos, e mais ovos doidamente.
Entretanto, regressa a Tia Ganga, Ti Lobo ouve-a chegar e, de um salto, põe-se atrás da porta. A nossa Ti Ganga, de fora, ordena:

– Porta abre!
E Ti Lobo de dentro:
– Porta fecha!
E assim continuaram horas a fio.
– Porta abre!
– Porta fecha!
– Porta abre!
– Porta fecha!
– Porta abre!
– Porta fecha.

Dentro desse abrir e fechar, enganam-se e dizem:
– Porta abre!
E a porta abriu-se. Então, o Lobo, de um salto, mete-se debaixo da cama. A Tia Ganga entra, põe as compras em cima da mesa e manda a porta fechar-se. Depois, deita-se na cama para descansar. De tão cansada, mexe-se tanto, atrás e à frente, e atrás e à frente, e atrás e à frente, e de repente dá um pum mal cheiroso.

– Oh minha porca, se o teu pum é tão mal cheiroso, quanto mais o teu rabo!
Com surpresa, Tia Ganga pergunta:
– Quem é que está dentro da minha casa? Eu vou saber agora mesmo!
Tia Ganga apanha uma espada, levanta o colchão e de um salto, o Lobo pôs-se atrás da porta a dizer:
– “Porta, a…”, mas mais rápida, a espada da Tia Ganga não o deixa completar a palavra “abre”!
De um golpe, Ti Ganga abre a barriga do Lobo. Os ovos estavam todos inteiros, mas já cozidos.
A fome do estômago do Lobo tinha mais calor do que o calor de um fogão.

Conto Tradicional da República de Cabo Verde: Tio Lobo e o Chibinho

Houve grande seca naquele ano. Nos campos, não havia nem fio de palha para as alimárias. Ti'lobo andava muito magro, de corpo relampiado, e sem gosto nenhum na vida. Girava de campo em campo, à procura de qualquer coisa para lhe aguentar a debilidade, mas nada havia de subsistência para o seu estômago de comilão. Certo dia, já farto de andar, foi parar a uma fonte, a ver se por acaso encontraria por lá alguma Chibarrinha perdida da mãe. Deu logo de cara com Compadre Chibinho, que estava muito pachá a gozar a sombra de uma empena de barranco. Ti'Lobo arregalou os olhos. É que Compadre Chibinho estava gordo, bonito, tinha mesmo ar de quem tinha comida boa para encher as tripas do corpo. E Ti'Lobo disse: – Bi, Compadre Chibinho! Você está gordo, Deus o guarde! – Assim, assim, Ti'Lobo, o suficiente para safar este tempo de carestia… – Não, Compadre Chibinho, você tem comido em caldeira fina. Veja como estou. As minhas costelas parecem cordas de violão. Venha tocar lundû, Compadre… Chibinho viu logo que Ti'Lobo queria era puxar conversa e saber onde é que ele comia. Mas Compadre Chibinho era esperto, e sabia que Ti'Lobo tinha muita mofineza no corpo. Pensou na sua cabeça que boca é arma de fogo. Fingiu não entender a intenção de Ti'Lobo, e fez uma grande bordada na conversa.

– Ti'Lobo, há muito tempo que eu não via você…
– Eh, Ti'Lobo, você lembra-se dos sete filhos de cabra-gazela que você comeu? Mas Ti'Lobo tinha os olhos arregalados para a boniteza de Compadre Chibinho. Por fim, Chibinho viu tanta fome nos olhos de Ti'Lobo, viu-o tão coitadinho que teve dor dele. E Chibinho disse a Ti'Lobo:
– Eu digo onde é que ando a comer, mas você tem de me jurar que há-de fazer o que faço quando vou contentar o estômago. Ti'Lobo jurou tudo o que Chibinho quis. E Compadre Chibinho disse que costumava comer numa figueira que ficava em tal lugar. Mas recomendou logo:
– Quando você tiver gadanhado no pé de figueira você diz: figueirinha, tic, tic, e a figueirinha sobe; quando você estiver farto e quiser descer, você diz: figueirinha nãi, nãi, e ela desce.

Ti'Lobo enfiou logo feito um barbatão para o pé de figueira. Assim que ele gadanhou, disse: – Figueirinha tic, tic! A figueirinha subiu muito alto e Ti'Lobo comeu, comeu, até ficar farto. Lembrou-se de que já podia descer, mas pensou na sua cabeça: – Ainda não comi para mim, quanto mais para meu pai… Continuou a comer, a comer, até que novamente cuidou que era tempo de descer. Mas disse: – Ainda não comi para meu pai, quanto mais para minha mãe… E continuou a comer. Comeu para a mãe, para o avô, para a avô e para todos os seus parentes. Quando já não tinha mais parentes, resolveu descer.

Mas na dogadura de comida que ele apanhou, esqueceu-se do que é que devia dizer para a figueirinha descer: se tic, tic, se nãi, nãi. À toa disse: – Figueirinha tic, tic! A figueira subiu. Mas Ti'Lobo era testudo e tornou a dizer: – Figueirinha, tic, tic! A figueirinha continuou a subir. Ti'Lobo ficou cego de raiva por ver a figueira subir: – Mas vocês estão a ver uma figueirinha teimosa! E então, completamente doido, ele batia grandes palmadas nas ramas e gritava: – Figueirinha, tic, tic! É contigo que estou falando figueirinha! Figueirinha, tic, tic!

A figueira subiu, subiu até que chegou ao céu. Quando Nosso Senhor viu Ti'Lobo, disse-lhe: – Bi, Ti'Lobo! O que é que vens fazer ao céu?
Ti'Lobo arranjou logo uma grande mentira, em que ele mentia as fomes que tinha passado. Como viu uma pelinha muito bonita que estava estendida, Ti'Lobo disse em voz chorosa a Nosso Senhor que ainda estava em jejuminho natural. Porém, Nosso Senhor disse-lhe:
– Mentira, Ti'Lobo! Tu estás más é farto de comer figos. Ti'Lobo quis negar, mas Nosso Senhor disse-lhe que arreganhasse a boca. Ti'Lobo arreganhou a boca, e ficaram à mostra os dentes, todos sujos de restos dos figos que ele tinha comido.
– Tu és muito mentiroso, Ti'Lobo!

Nosso Senhor, na sua bondade, teve grande dor de Ti'Lobo e disse-lhe:
– Vou-te mandar novamente para a terra. Mas antes tens de ir lavar esta pelinha, para te mandar fazer tambor. Quando estiveres na terra, podes ganhar a tua vida tocando o tamborinho.

Nosso Senhor deu a pele a Ti'Lobo e disse-lhe que a fosse lavar numa ribeira. Ti'Lobo foi, lavou a pele, porém, quando ela estava já lavada, sentiu manha dela e disse:
– Pelinha, tu cheiras-me bem, eu como-te! E comeu a pele. Quando chegou à presença de Nosso Senhor, arranjou uma grande mentira e disse que a correnteza tinha levado a pele.
– Não vê que a ribeira está braba e Ti'Lobo está com o corpo muito debilitado. Nosso Senhor deu-lhe outra pele, porém novamente Ti'Lobo sentiu manha da pele e disse:
– Pelinha, tu cheiras-me bem, eu como-te! Nosso Senhor tornou a dar-lhe outra pele, e disse-lhe que, se ele a comesse, o meteria dentro de um saco. Ti'Lobo, desta vez, levou a pele muito bem lavada. Nosso Senhor mandou fazer o tambor e, quando ficou pronto, disse a Ti'Lobo:
– Ti'Lobo, agora vais descendo o caminho para a terra e levas este tamborinho. Quando chegares lá em baixo, tocas o tambor e eu, então, vendo que chegaste, largarei a corda com que te vou prender pela cintura. Mas tem cuidado e não toques o tambor pelo caminho, porque, se eu ouvir o toque, faço de conta que chegaste e largarei a corda e tu darás uma grande queda que te matará. Ti'Lobo saiu do céu e veio descendo. Quando já estava a meia ladeira, encontrou uma mulher que levava uma travessa cheia de batancas. A mulher disse-lhe:

– Ti'Lobo, que tamborinho tão bonito que você está levando! Ti'Lobo ficou todo vaidoso e arrotou três vezes. A mulher tornou a dizer-lhe.
– Ti'Lobo, você toque um bocadinho, porque deve ser muito doce o toque do seu tamborinho…

– Não! Nossenhor disse-me para eu tocar só quando chegar lá em baixo… Ti'Lobo não queria tocar, porque estava com medo de cair. Por fim, a mulher disse-lhe:

– Ti'Lobo, se você tocar o tamborinho, eu dou-lhe estas batancas para você comer…
– Nossenhor disse-me para eu tocar só quando eu chegar lá em baixo…
– Mas, oh, Ti'Lobo, eu dou-lhe todas as batancas…
– Só se eu tocar devagarinho, de modo que Nossenhor não ouça…
– Exacto e qual, Ti'Lobo! De mais a mais, Compadre Chibinho disse que você é um grande artista e você toca tão doce que, mesmo que Nosso Senhor ouça, fica contente e não lhe faz mal…

– Ti'Lobo ficou ainda mais vaidoso e arrotou três vezes. Arregalou os olhos e perguntou:
– Achas, oh, comadre. Você dá-me as batanças deveras? Tudo para a barriguinha de Ti'Lobo?
– Deveras, deveras! Tudo para a sua barriguinha, Compadre…
– Ti'Lobo comeu as batancas, e depois compôs o tamborinho e tocou. Quando Nosso Senhor ouviu o toque do tambor, fez de conta que Ti'Lobo já tinha chegado à terra e largou a corda que o sustinha pela cintura. Imediatamente, Ti'Lobo deu um grande trambolhão e, caindo daquelas alturas para a terra, ficou em pedaços. Mas um instante antes de tocar no chão, viu Compadre Chibinho, que o espiava de um lajedo, e gritou-lhe.

– Bi, Compadre Chibinho! Você não disse que eu sou um grande artista?

Baltazar Lopes, "Conto Popular de S. Nicolau: O Lobo e o Chibinho", in Claridade, Praia, 1936, n.º 2, p. 8 e 10.

Conto Tradicional da República de Cabo Verde: Os Rapazes, o Velho e o Burro

Era uma vez, um homem que tinha três filhos e moravam no cume de uma serra.
Certo dia, o pai morreu e os três rapazes ficaram sem saber para onde ir.
Do alto da serra os rapazes viram as festas de São João, que acontecem todos os anos na região, onde todos faziam uma fogueira e saltavam três vezes dizendo: “Sarna no lume e saúde no corpo!”
Quando os rapazes viram aquilo em todas as casas, disseram entre si: Vamos até lá!
Fizeram três feixes de lenha e levaram com eles.
As pessoas da aldeia ficaram encantadas com a presença deles, abraçaram-nos, deram-lhes de comer e de beber.
Quando os rapazes iam se retirar, as pessoas perguntaram:
– Já se vão embora, e não dão uma festa?
Os rapazes responderam:
– Vamos dar, sim, senhor! E garantimos que arranjamos os ingredientes para festa mesmo sem dinheiro para comprar!
Um deles disse:
– Eu dou o grogue!
O outro disse:
– Eu arranjo a carne!
E o terceiro disse:
– Eu arranjo a mandioca!
E assim, eles comprometeram-se a dar a festa.
Isto se passou no tempo do finado João Henrique, um antigo comerciante que residia na cidade de São Filipe, na ilha do Fogo.

O que se comprometeu com o grogue, agarrou no garrafão, lavou-o muito bem, encheu com água do mar, foi à porta do tal comerciante e disse:
– O Senhor tem grogue aí?
O comerciante foi buscar um garrafão cheio de grogue e pousou ao lado do garrafão cheio de água.
O rapaz destapou-o, cheirou-o e disse ao comerciante:
– Estou à espera de umas pessoas que ficaram de vir buscar-me.
E por isso ficou um bocado na loja a fingir que estava à espera.
O pobre comerciante acabou por se esquecer da presença do rapaz, que de repente diz:
– Bem, acho que vou andando e não vou poder levar este grogue.
E antes que o homem desse por isso pegou no garrafão com grogue verdadeiro e o deixou o cheio de água para ser guardado pelo comerciante.
Chegou em casa e disse aos irmãos:
– Meninos, já tenho o grogue!
O outro irmão, esperou amanhecer e disse:
– Eu também vou!
Pegou a estrada e encontrou um homem com doze galinhas e disse a ele:
– Essas galinhas são para vender?
O homem disse que sim! São para vender!
E o rapaz respondeu:
– O senhor padre encomendou-me doze galinhas porque o senhor bispo vem hoje jantar, vou levar o senhor vendedor até ao padre.
Quando chegaram à igreja, ele disse ao homem para esperar lá fora, entrou na igreja, voltou-se para o padre e disse:
– Senhor padre, vim até aqui com um homem que tem o demónio no corpo, é para o senhor tirar!
O padre respondeu que quando acabasse a missa tirava o demónio do corpo do homem.
O rapaz foi lá fora e disse ao homem para esperar que o padre iria pagar depois da missa, agarrou nas doze galinhas e foi-se embora.

Quando acabou a missa o homem foi ter com o padre exigindo o pagamento pelas doze galinhas.
O padre surpreso disse que não sabia de pagamento nenhum, o homem ficou furioso e começou a berrar, o padre como achava que de um demónio se tratasse, benzeu-o, rezou-o, açoitou-o e correu com ele!
Quando o irmão chegou em casa com as doze galinhas o terceiro disse:
– Vou à procura da mandioca!
Chegou à Ribeira de Montinho e escondeu-se. Depois de um tempo viu um homem já de uma certa idade a vir devagar com um burro que carregava um saco de mandioca às costas.
O burro vinha atrás do velho.
O rapaz, encostou-se ao burro devagar, tirou a corda do pescoço do burro e colocou no seu próprio pescoço e deu um pequeno jeito ao burro que foi descansar no arvoredo.
O rapaz veio silencioso atrás do velho, com a corda ao pescoço.
Numa certa altura, o rapazinho que se fingia de burro parou, o velho puxou a corda e como o burro não vinha, falou:
– Mas o que se passa?
E Burro, que, na verdade era o rapazinho a fingir disse ao velho:

– Julgas que depois de tanto tempo a andar com o senhor eu não posso tornar-me gente?

E deu dois coices ao pobre senhor que, baralhado, fugiu a correr!
O rapazinho voltou atrás, agarrou no burro e no saco de mandioca e foi para casa onde fizeram uma grande festa!
Porém, o burro era muito magro e estava tão esfomeado que limpou a erva das propriedades de toda a zona, por isso um dia mandaram um recado ao velho para que ele viesse buscar o burro.
O homem, que já havia sido repreendido pela mulher por ter chegado em casa sem a mandioca, sem a corda e sem o burro, aceitou ir até lá e recuperar o animal.

E quando o velho encontrou o burro, disse a ele:
– Mas és tu mesmo burro?
E o próprio burro com raiva, virou-se para o homem e disse:
– Quem você queria que eu fosse?
E então o velho correu, foi-se embora, deixou lá o burro e nunca mais quis saber dele!

Conto Tradicional da ilha de Santo Antão - República de Cabo Verde: Blimundo

Havia um boi chamado Blimundo. Era grande, forte e amante da vida e da liberdade. Além disso, era muito amado e respeitado por todos, pois sabia pensar por si próprio, além de ser muito gentil com todos. Ao saber da existência de criatura tão autêntica, Senhor Rei perguntou-se que boi seria esse, que ousava ser tão livre em seus posicionamentos e fazendo com que os outros bois lhe seguissem o exemplo. Se ele continuasse assim, quem faria, depois, o trabalho pesado do reino? Ordenou, então, que Blimundo fosse pego morto ou vivo, a trazido até a sua presença. Os homens do Senhor Rei saíram em busca do boi, mas este os encontrou primeiro e deu um fim neles. Ao saber da notícia, Senhor Rei reuniu os homens mais valentes do reino e os mandou capturar Blimundo, e os homens partiram. O boi, novamente, deu cabo dos homens. Quando recebeu tão triste notícia, Senhor Rei desesperou-se, mas logo ouviu falar de um rapaz que fora criado no borralho da cinza e que se prontifica a ir buscar Blimundo.

O menino pediu um cavaquinho, um “bli” d’água e uma bolsa de “prentém”. Além disso, quando retornasse queria a metade da riqueza do reino e a mão da princesa. Senhor Rei concordou e o jovem partiu. Então, o jovem sai em busca do boi cantando uma canção que deixa Blimundo encantado, na qual o jovem diz que, se Blimundo for com ele, casará com a Vaquinha da Praia. O boi pergunta se é verdade, o rapaz responde que sim. O jovem pede a Blimundo que o deixe montar, pois o caminho é muito longo. Ele deixa com a condição de que o rapaz continue cantando. Senhor Rei colocou a tropa em pontos estratégicos para receber Blimundo. Ao ver o boi chegar, carregando o rapaz no lombo, cansado e feliz, Senhor Rei não acreditou. À porta do palácio, o rapaz pediu para descer do lombo de Blimundo a fim de fazer a barba antes de ser apresentado à Vaquinha da Praia.

O jovem conta o seu plano ao Senhor Rei e leva até o boi um barbeiro com seus instrumentos. Atrás deles, Senhor Rei. O barbeiro, enquanto Blimundo sonha com o amor da Vaquinha da Praia, corta-lhe a garganta com a navalha. Antes de morrer, o boi atinge o rei com uma patada que o mata. O rapaz e o barbeiro fogem, mas jamais esquecem o último olhar de revolta de uma criatura cujo único erro foi acreditar na harmonia, na justiça e na liberdade. (Disponível em http://contosdeadormecer.wordpress.com/2010/06/17/o-conto-de-blimundo-cabo-verde/).

Conto Tradicional da ilha de Santo Antão - República de Cabo Verde: Unine

Era uma vez uma mãe que teve uma filha muito, muito bonita. Tão bonita que o sol, mal um dia a viu, logo se perdeu de paixão por ela.

Ciumento, não deu mais luz nesse dia para que outros não a vissem e também não se apaixonassem pela linda menina. Fez-se um eclipse.

A mãe, com medo lhe dera, resolveu escondê-la dos olhos do mundo.

A menina chamava-se Unine e pela mãe foi levada e escondida numa gruta, o que dificilmente lhe seria perdoado por muitos sete anos e sete dias de vida que lhe fosse dado viver.

Numa noite escura, ela levou Unine para a gruta que se situava numa montanha afastada da povoação.

Disse-lhe: "Minha filha, tu ficas aqui para o teu bem. A porta da gruta não se abrirá por nada deste mundo, a não ser quando for ouvida a voz da tua mãe." E cantou uma canção para ela. Era a senha que faria com que a porta, uma enorme pedra que tapava a entrada da gruta, magicamente se abrisse. E assim, Unine receberia comida e água que a mãe lhe levaria duas vezes ao dia.

Todas as madrugadas, antes que o Sol despontasse, e todas as noitinhas, logo que o sol se punha, lá estava a mãe com a merenda e com a cantiga.

Era assim:

"Unine, Unine, unine,
Cosi, cosi,
Cosi, cosá Qui vem di dia,
Qui vem di noite,
Unine, Unine!"

O Sol inquietava-se. Nunca mais pôde ver a sua menina. Todos os dias, ele se levantava e percorria o povoado, a ilha toda, todos os continentes, todos os cantos do mundo, perguntando, a todas as criaturas que iluminavam, pela menina mais linda que jamais tivessem visto.

Perguntava ao mar:

- "Mar, não viste a criatura mais bela?"

O mar respondia: "Se mais bela que as minhas ondas, pergunta então à nuvem." E o Sol, virando-se para a branca nuvem, perguntava: - "Não viste, querida nuvem, a criatura mais bela?"

E a nuvem, empalidecida, sempre se julgara a mais bela - respondia:

- "Não, Senhor Sol, se não é a mim que procurais..."

Era assim todos os dias. E no final de cada dia, o Sol, exausto, caía de sono na sua imensa cama no fundo do mar, para na manhã seguinte despertar muito cedo e repetir o mesmo ciclo.

Conto Tradicional de Santo Antão por Leão Lopes

Conto Tradicional da República de Cabo Verde: João Grande e João Pequeno

A história de dois irmãos, os dois, chamam-se João. A diferença é que o mais velho era forte, alto, ágil e invejoso e o outro mais novo era pequenino e quase ninguém notava. Num certo dia o irmão mais novo foi ter com o irmão mais velho para pedir uma medida que queria medir. O irmão mais novo era muito esperto e ele colocou no centro colado algumas moedas. Quando foi devolver ao irmão mais velho, o irmão lhe disse:

- Olha! Onde é que andaste a sair com dinheiro?

Ele respondeu-lhe: Olha! Eu vou contar-te um segredo e não vais dizer a ninguém. Eu matei o meu burro e fui a cidade vender e gritava: "Quem quer carne de burro por castigo? e todos foram lá comprar e fiquei com os bolsos cheios." O irmão, invejoso, quis fazer a mesma coisa. E fez, apanhou o seu burro, matou-o e foi para a cidade todo contente porque pensava que voltaria com os bolsos cheio de dinheiro. Ele começou a gritar: "Quem quer carne de burro por castigo?". As pessoas ouviram isso, foram lá e bateram-lhe porque ninguém gostava de comprar carne de burro.

Então, ele voltou para a casa e disse ao irmão mais novo: Enganaste-me, eu fui vender a carne de burro e olha para mim que estou cheio de feridas, ao invés de voltar com os bolsos cheios de dinheiro e ninguém comprou a carne. O irmão mais novo disse-lhe: Não. Não fizeste corretamente. Passado algum tempo, o irmão mais novo foi pedir ao irmão mais velho outra medida e desta vez, ao devolver-lhe, estavam colados moedas de muito maior valor.

O irmão mais velho viu-o com as moedas e perguntou-lhe: onde arranjaste dinheiro?

O irmão mais novo disse-lhe: Podes não acreditar!

O irmão mais velho, insistiu com ele para que o contasse como conseguiu tanto dinheiro.

O irmão mais novo disse-lhe: "Matei a minha mulher e os meus filhos e fui a cidade vizinha vender a carne."

Então, o irmão mais velho foi para a sua casa e matou sua mulher e filhos e foi a cidade vizinha vender a carne deles. Novamente, ninguém quis comprar-lhe as carnes humanas e bateram nele. Ele voltou para casa extremamente zangado e pediu satisfações ao irmão mais novo.

Então, muito irado, bateu no irmão mais novo, colocou-o dentro de um saco e foi ao mar para jogá-lo nas profundezas do mar, porque o irmão mais novo fez com que matasse não somente o burro, mas também a mulher e os filhos. Chegou ao mar e viu um barco, portanto, deixou o irmão amarrado dentro do saco, colocou-lhe a porta do barco e entrou no barco, e esqueceu-se do seu irmão. Um pastor passou por ali com o seu rebanho e quis tocar no saco porque achou muito estranho. Ele percebeu que alguém estava amarrado dentro do saco e perguntou-lhe: Como é que foste parar ali dentro?

O irmão mais novo mentindo, disse-lhe: "É porque querem obrigar-me a casar com uma mulher e não quis." O pastor disse-lhe: Queres trocar de lugar? Ele disse-lhe: Sim. Eles trocaram de lugar. O irmão mais novo foi pastorear o rebanho. O irmão mais velho saiu do barco, pegou o saco, colocou-o nas costas, achou que o saco estava muito pesado. Então, ele foi ao mar e jogou o pastor que estava dentro do saco ao mar, pensando que era o seu irmão mais novo.

Passado algum tempo, viu o seu irmão mais novo passar carregado de rebanho. Então, perguntou-lhe: Eu, não te joguei ao mar, como é que está vivo e carregado de rebanho?

O irmão mais novo respondeu-lhe: É porque jogaste-me ao mar na maré rasa, porque se fosse na maré alta eu apanharia mais cabras, cabritos e bois das que apanhei. O irmão mais velho disse-lhe. Desta vez, tu me jogarás no mar. Então, o irmão mais novo não quis jogar-lhe no mar, porque o irmão mais velho era muito pesado. O irmão mais velho disse-lhe: iremos a beira-mar e entrarei no saco e vais jogar-me ao

mar. Então foram, e após o irmão mais velho entrar no saco, o irmão mais novo colocou uma pedra muito grande em cima da cabeça do irmão mais velho, amarrou a boca do saco e jogou-o ao mar. Até hoje, o irmão mais velho está lá após morto a caçar cabras, cabritos e bois.

Conto Tradicional da ilha do Fogo - República de Cabo Verde: João da Burra

JOÃO-QUE-MAMOU-NA-BURRA – Conto Popular das Ilhas de Cabo Verde

28/04/2011 Por Nair Lacerda (tradução)
ILHA DO FOGO das Ilhas de Cabo Verde

Esta divertida história, que tem, para nós, sabor tão interessante, de vez que nos coloca diante de um linguajar onde encontramos o lusitano e o negro, — base e fulcro de nossa nacionalidade, — é contada na Ilha do Fogo, uma das Ilhas Portuguesas de Cabo Verde.

JOÃO-QUE-MAMOU-NA-BURRA

ERA UMA VEZ uma mulher grávida, que estava para ter um filho. Ela saiu a colher lenha, encontrou um pé de goiabeira parida. Subiu, comeu goiaba, comeu, comeu, o filho escapou-se e caiu. Ela não sentiu. Continuou a comer, a comer, toda embebida na comida. Depois desceu, amarrou o pano na barriga, apanhou a lenha e voltou para casa.

Depois veio a passar um homem com sua vara de pescar ao ombro, fumando seu canhoto. Ouviu um menino chorar, foi ter com êle, achou um menino novo a rebolar-se na terra. Pegou-o, cortou-lhe o umbigo com a faca, e meteu-o no surrão. Naquele dia não foi mais pescar. Apanhou o menino e levou-o para casa.

- Minha mulher vai ter um filho, há de criar este junto com o seu.

Quando chegou em casa, disse à sua mulher:

- Toma e dá-lhe de mamar juntamente com teu filho. Nossenhor é que mo deu.

A mulher tomou o menino, deu-lhe de mamar durante dezoito meses, juntamente com o seu filho. Ela não podia amamentar dois meninos machos, disse ao marido que era melhor pô-lo a mamar numa burra.

Passados alguns anos, tanto êle como o filho daquele homem e daquela mulher já estavam na altura de irem para a escola. Bem, ficaram de ir para a escola. Eles iam brincando pelo caminho. Um dia brigaram, e o filho daquele homem e daquela mulher virou-se para êle e disse-lhe:

- Tu não és filho de meu pai nem de minha mãe. Foste encontrado no meio da rua e criado debaixo de uma burra. Teu nome é João-Que-Mamou-Na-Burra.

Êle foi para casa, ofendido com aquilo. Acabou de chegar em casa e contou o que se tinha passado no caminho da escola. Aquele que o tinha criado explicou-lhe tudo: como o encontrou, como lhe arranjou maminha, e como o criou.

Êle ficou muito triste, disse àquele homem que já não queria saber mais de escola, e que lhe desse uma bengala para êle ir correr o mundo.

Então, aquele homem mandou arrancar um pé de tamarindo, e arranjou-lhe uma bengala. Êle tomou sua bengala e pôs-se a caminho. Andou, andou, andou, andou… topou com uma casa onde moravam dois homens. Pediu pouso, porque já era noite. Aqueles homens deram-lhe pouso.

Pela manhã, um deles virou-se para João-Que-Mamou–Na-Burra e disse-lhe:
- Agora ficas morando conosco, e todos os dias dois vão para o trabalho e um fica em casa para fazer a comida. Hoje é o meu companheiro quem fica, e nós dois saímos.

João respondeu-lhe:

- Está bem.

Bem, eles foram. O outro ficou.

Este que ficou estava dentro de casa, arranjando umas coisas, veio um menino, como uma tentação, e encostou-se ao batente da porta:

- Eh! Nhô! Dê-me sua bênção!
- Deus te abençoe!
- Dê-me fogo para eu fumar…
- Vai, entra no fundo e apanha uma brasa. Mas não toques no caldeirão!

Aquele homem ficou olhando para aquele menino. O menino foi, apanhou fogo, pôs-se a fumar. Fumou, fumou, fumou, virou-se para o caldeirão que estava ao fogo e cuspiu dentro dele.

- Espera aí que eu estou vendo o que fazes! — e aquê-le homem levantou-se de uma vez.

Mas aquele menino virou-se, meteu-lhe o dedo dentro dos olhos, — ruc, ruc, ruc, — o homem cegou, e êle limpou-se no tempo.

Quando os outros dois voltaram do trabalho, cansados, com fome, pediram comida.

- Não, vocês hão de pedir, mesmo… Não vêem que veio aqui um menino pedir-me fogo, eu disse-lhe que fosse apanhar fogo na cozinha, que não descobrisse o caldeirão, êle descobriu o caldeirão e cuspiu dentro dele. Levantei-me para correr atrás do moleque, e êle cegou-me com seu dedo. Agora vocês tirem aquela parte de cima, vocês comem. Que havemos nós de fazer?

- Tu és mofino, tu és vaca… É assim que um menino te faz? Amanhã sou eu quem fica em casa — virou-se aquele homem para seu companheiro.

Amanheceu esse outro dia, aquele ficou. João-Que-Ma-mou-Na-Burra e o outro seguiram para o trabalho.

Veio aquele mesmo menino, fêz a mesma coisa. Quando chegaram do trabalho pediram de comer.

- Vocês tirem aquela parte de cima da comida, e comam. Aquele menino de ontem esteve aqui.
- Ahn! Não te tinha dito já? — disse-lhe aquele que tinha ficado em casa primeiro.

- Vocês são covardes, mofinos! Amanhã sou eu quem fica em casa para ver se o menino brincará comigo! — gritou João-Que-Mamou-Na-Burra.

Naquela outra manhã, bem cedo, os dois compadres foram para o trabalho e deixaram João em casa. João apanhou sua bengala de pau de tamarindo, e encostou-se à porta.

- Eh! Nhô! Dê-me sua bênção — veio aquele menino, muito coitado.

- Ahn! És tu aquele mesmo menino de ontem e de an teontem? Bem, eu já não sou aqueles mesmos homens de ontem e de anteontem. Já sei: é fogo que queres. Entra e apanha, mas olha para isto.

E João mostrou-lhe a bengala.

O menino entrou, fêz a mesma coisa. João apanhou a bengala ‘para lhe bater com ela, o menino levantou a pedra do fogão e desapareceu pela terra adentro.

- Já sei quem és tu, mas logo vou ter contigo.

Àqueles dois homens, quando chegaram, João contou-lhes o que tinha sucedido e pediu-lhes desculpa de lhes ter chamado covardes. Aqueles dois compadres disseram:

- Viste, então?

- Bem, mas vocês comam depressa, porque temos um serviço a fazer.

Acabaram de comer, João disse-lhes:

- Vocês vão à casa de Nhô Rei, dizer-lhe que me empreste cem braças de corda e uma campainha.

Aqueles dois compadres foram buscar estas coisas. Quando chegaram, João disse-lhes:

- Agora, vamos andar.

Andaram, andaram, andaram, até que toparam com um buraco. João-Que-Mamou-Na-Burra virou-se para eles e disse-lhes:

- Arreio cada um de vocês na corda, e se vocês não puderem suportar mais toquem a campainha, pois subirão cá para cima.

Os dois aceitaram. João apanhou a corda, amarrou um deles pela barriga, deu-lhe a campainha e pôs-se a descê-lo. O homem foi até certa altura, tocou o sino. João suspendeu-o. Com o outro aconteceu a mesma coisa. Então, João apanhou a sua bengala, entrou no buraco, e um bocado depois ouviu lá embaixo, tum, duntum, tum... Aqueles compadres sentiram o cabelo arrepiar-se todo. João-Que-Mamou-Na-Burra pegou na corda, amarrou-se a si mesmo pela cintura. Virou-se para aqueles homens:

Peguem na ponta da corda. Quando eu chegar lá em-baixo o sino para vocês prender-em a corda nalguma

Aqueles homens foram descendo a corda, descendo, des-cendo, quando êle chegou embaixo, tocou o sino, eles desa-marraram a corda e prenderam-na lá em cima. João agarrou na bengala, começou a andar. Andou, andou, andou, encon-trou uma porta fechada, bateu. Lá de dentro uma voz disse:

- Não, aqui não se bate. Pessoa de Deus, vai pelo teu caminho…
- Nada disso! Trate a senhora de abrir-me essa porta.
- ó homem, como é que você chegou a este lugar, onde nenhuma alma viva chegar
- Se a senhora não quiser abrir-me a porta…

Brum! Brum! João levou a porta nos seus ombros. En-trou, sentou-se. A mulher ficou tremendo como vara ver-de. Daqui a üm bocado êle sentiu: buuu... Entrou um ho-mem diferente.

- Bom dia, amigo. Já tinha saudades suas!
- Bom dia. Mais saudades tinha eu, que andei até o encontrar.
- Amigo, não é servido do meu almoço?
- Homem com fome é para comer.

João comeu até não poder mais. O resto que ficou êle apanhou e pôs dentro do bolso.

- Amigo, quer distrair-se?
- Distrair-me com quê?
- Com cartas…
- Cartas não, porque elas têm cruz e você tem medo da cruz…
- Amigo, quer jogar aos coices?
- Coice? Coice, na minha terra só os animais.
- Então, espada…
- Ahn! Espada, mil vezes…

O Sujo apanhou uma espada nova. João teve que pegar a mais enferrujada do Pico do Inferno. Saíram para jogar. Começaram. João dava. Nada. O Sujo dava. Cortava. Brigaram, brigaram, brigaram. João viu que o Sujo ia ganhar-lhe, rapou sua bengala. Antes que o pau de tama rindo tocasse no Sujo, só o vento que êle fêz arrasou o Sujo. que desapareceu.

João-Que-Mamou-Na-Burra foi a casa daquele Sujo, apa nhou a mulher dele, foi levá-la para junto da corda. Foi an dar e encontrou mais uma porta fechada. Bateu, uma mulher negou abrir. Empurrou, meteu a porta para dentro. Entrou, sentou-se. Mais um pouco, e chegou um outro Sujo convi-dando-o para o almoço. João comeu, meteu o resto no bolso. No fim do almoço, o Sujo perguntou-lhe se êle queria distrair-se com cartas. João respondeu-lhe a mesma coisa que dissera ao outro. O Sujo disse-lhe:

- Então, coice…
- Coice, na minha terra, só os animais…
- Então, espada…

Foram jogar à espada e aconteceu a mesma coisa. Êle apanhou a mulher daquele outro Sujo e foi levá-la para junto da corda.

Continuou a andar, encontrou uma outra porta. Sucedeu a mesma coisa. Mas quando vieram ao jogo de espada, João conseguiu apanhar aquele último Sujo com a bengala numa banda da cara. A orelha voou. Êle apanhou-a, meteu um pedaço da orelha dentro do bolso. Foi, apanhou a mulher desse Sujo mais velho, foi levá-la também para junto da corda.

Aquelas mulheres eram todas uma irmandade. Eram princesas, filhas de rei, que aqueles Sujos tinham tirado de casa. Uma delas deu a João um lenço de ouro, bordado com o nome da princesa, outra deu-lhe outro lenço bordado com o nome da rainha, e a última, que era a caçula, deu-lhe um anel de ouro com o nome do rei.

- Agora, vou tratar de vos pôr lá em cima.

João amarrou a corda na cintura de uma, tocou a campainha, a corda subiu.

- Já encontrei a minha mulher!
- Não, eu é que casarei com ela!

Aqueles dois compadres começaram a discutir. João tocou a campainha e eles desceram a corda, puxaram a outra.

- Esta aqui é que é a minha mulher, com quem hei de casar! Agora, sim. Agora vamos para o nosso caminho.
- Sim, vamos.
- Não, enquanto os senhores não tirarem a nossa irmã, não saímos daqui.

Desceram a corda e tiraram a outra irmã.

- Agora, vamos.
- Nhor não! Voccs puxem primeiro aquele homem que nos salvou, senão não vamos.

Os dois compadres combinaram partir a corda quando João já estivesse em meio da subida. Desceram a corda, pu-seram-se a içar. Quando já tinham puxado um bom bocado, cortaram a corda. Mas o que João-Que-Mamou-Na-Burra tinha amarrado na corda era a sua bengala e ele mesmo fora ficar lá longe. Quando aqueles compadres

cortaram a corda, a bengala veio de trambolhão, e caiu no chão. Bem. João ficou naquele lugar. Sentiu fome.

- Ah! João, estás perdido…

Lembrou-se de que tinha comida no bolso, disse:

- Ah! João, não estás perdido…

Quando a comida acabou-se, êle disse:

- Agora, sim, estás perdido, João!

Lembrou-se da orelha daquele Sujo velho, e disse:

- Ainda não.

Apanhou a orelha, mastigou-a — crac, crac — com os dentes. Ouviu uma voz.

- Diga-me depressa o que quer que eu faça.

- Coloca-me, a mim, e também à minha bengala, lá fora.

Antes que o Sujo esfregasse um olho, João estava lá em cima.

Aqueles dois compadres, quando chegaram à casa do rei, foram recebidos com muita festa. Nhô Rei ficou contente com aqueles dois homens, que lhe tinham trazido as filhas. Prometeu-lhes casamento com duas das princesas.

Aquela mais velha disse a um daqueles homens:

- Eu, para me casar com o senhor, só se o senhor me der meu lenço de ouro, bordado com meu nome.

A do meio disse ao outro homem:

- Eu, para me casar com o senhor, só se o senhor me trouxer um lenço bordado com o nome da rainha, minha mãe.

A terceira, a que era caçula, disse também que só casa ria se visse seu anel de ouro com pedras de brilhante.

O João, quando saiu daquele buraco, andou, andou, andou, foi sair em casa de um ourives. Encontrou lá o criado do rei que tinha ido dizer ao ourives se ele podia fazer um lenço de ouro, bordado com o nome da princesa mais velha, e mais outro lenço bordado com o nome da rainha.

- Vai e dize a Nhô Rei, que não sei fazer esses lenços.

João, que estava presente, disse:

- Se você quiser me dar um alqueire de nozes com um alão de vinho, entrego-lhe esses lenços que Nhô Rei manou fazer.

- Então, dize a Nhô Rei que amanhã lhe mandarei os lenços.

O criado saiu, levou o recado a Nhô Rei. O ourives deu a João aquele alqueire de nozes mais um galão de vinho. Quando já estava noite, João virou-se para a orelha daquele Sujo velho e mordeu-a — crac, crac — com os dentes.

- Diga-me, depressa, o que quer que eu faça.
- Vai quebrar-me imediatamente este alqueire de nozes.

O Sujo apanhou um martelo, bateu, bateu, bateu, quebrou todas aquelas nozes. João-Que-Mamou-Na-Burra deu nas nozes, comeu, comeu, comeu, até não poder mais, bebeu aquele galão de vinho e foi entregar os lenços ao ourives. Quando o ourives mandou aqueles lenços à casa de Nhô Rei, aqueles compadres quase saíram voando, de tão contentes que ficaram. Um daqueles homens, que queria casar com a princesa caçula, que era a mais bonita de todas, virou-se e disse:

- O ourives que fêz estes lenços pode fazer aquele anel com pedras de brilhantes.

Então, Nhô Rei mandou outra vez à casa do ourives, dizer-lhe se êle podia arranjar um anel de ouro com pedras de brilhantes. O ourives falou com João, João disse-lhe que fazia aquele anel, mas êle é que o tinha de ir entregar na casa do rei, da sua mão para a mão da princesa. O ourives mandou dizer a Nhô Rei que amanhã um rapaz levaria o anel que ele tinha pedido

Amanheceu o outro dia, João pegou na orelha do Sujo velho, deu-lhe com os dentes — crac, crac.
- Diga-me depressa o que quer que eu faça.
- Põe-me em cima de um cavalo tal que, quando Nhô Rei sair à varanda, êle diga: "Aí vem um homem de ruço no seu cavalo ruço". Quando a rainha sair, que ela diga: "Aí vem um homem de branco no seu cavalo branco". Quando a princesa caçula sair, que ela diga: "Aí vem um homem de ouro em seu cavalo de ouro".

Naquele instante apresentou-se um cavalo tão bonito… João montou, deu esporas, o cavalo rompeu na carreira. Quando êle apontou lá longe, Nhô Rei saiu à varanda, e disse:

- Aí vem um homem de ruço no seu cavalo ruço. Êle chegou mais perto, a rainha saiu e disse:
- Vem aí um homem de branco, no seu cavalo branco.

Quando êle já estava debaixo da casa, a princesa caçula saiu e disse:
- Aqui está um homem de ouro no seu cavalo de ouro. A varanda encheu-se de gente.

A criadagem do quintal saiu para vir ao encontro de João-Que-Mamou-Na-Burra. Quando êle se apeou, aquela princesa caçula ficou dizendo:
- Aqui está aquele homem que nos tirou do Pico do Inferno, aqui está aquele homem que nos tirou do Pico do Inferno!

Aqueles dois compadres desceram para o quintal e foram esconder-se, porque uma doença apanhou-os, diferente…

Andaço, dor-de-barriga.

João subiu ao palácio e entregou a Nhô Rei aquele anel de ouro da princesa. Festa, muito xerém! Já está marcado o dia para o casamento. João vai casar com a princesa caçula. Fizeram os proclamas no dia quinze, casaram no dia dezesseis.

Nhô Rei chamou João e perguntou-lhe o que é que ele queria que fizesse àqueles dois homens que o tinham ido enganar. João disse a Nhô Rei que não queria que lhes fizesse nada, só pedia que Nhô Rei os mandasse pôr nus, no meio da rua, umbigo contra umbigo, para èle lhes roçar com sua bengala. Nhô Rei fez o que João pediu. João-Que-Mamou-Na-Burra apanhou sua bengala, foi para onde aqueles compadres estavam deitados, e bateu-lhes com seu pau de tamarindo.

Aqueles dois homens saíram voando, um bocado depois caíram dois pingos de sangue no chão. Desapareceram.

Fonte: Maravilhas do conto popular. Adaptação de Nair Lacerda. Cultrix, 1960.

Disponível em www.consciencia.org

Conto Tradicional da República de Cabo Verde: Manuel Mentiroso

Numa aldeia, vivia um homem muito mentiroso e, por isso, as pessoas da aldeia chamavam-lhe Manel Mentiroso. Tudo o que ele dizia era mentira e ganhava dinheiro, dizendo mentiras e fazendo apostas.

- Mulher; vou viajar pelo mundo, dizendo mentiras e fazendo apostas.

Todo o dinheiro que ganhar, envio para casa. Levo comigo a vaca. Mulher; dá-me a tua bênção.

- Amén.

Manel pôs o chapéu, pegou na vaca e partiu a correr mundo. Por todos os sítios por onde passava, fazia apostas, ganhava e enviava o dinheiro para casa. Até que chegou a uma aldeia onde vivia um rapaz chamado Joaquinha. O Joaquinha era aquele tipo de rapaz a quem os pais nunca precisavam de dizer:

- Joaquinha, vai estudar!

- Joaquinha, já fizeste os deveres? O Joaquinha sabia sempre quando era altura de começar a estudar e largar a brincadeira.

- Vou-me embora – assim dizia o Joaquinha.

- Logo agora que o jogo estava na melhor parte! Os amigos já sabiam que ele era assim e, quando chegava a hora, diziam logo:

- Lá vai o Joaquinha.

O pai do Joaquinha era pescador e a mãe lavadeira na ribeira. Uma manhã, o pai do Joaquinha disse-lhe:

- Joaquinha, a tua mãe está na ribeira a lavar camisas e eu tenho de ir pescar. Tens o almoço na mesa.

Ele foi comer aquilo tudo, mandioca cozida com ovo, cuscuz com mel,etc…Depois, lavou a loiça, arrumou tudo e foi estudar. Quando estava a estudar, bateram à porta. Ele abriu e perguntou quem era. Era o Manel Mentiroso que disse ao que vinha.

- Venho para dizer mentiras e apostar contigo, Se perder, ficas com a vaca, mas se ganhar, levo tudo o que tens dentro de casa.

O Joaquinha achou que aquilo era muito sério e pensou:

- Agora é que vou ver se valeu a pena estudar!

O Manel Mentiroso sentou-se e pediu ao Joaquinha um copo de água fresca. O Joaquinha levou muito tempo a trazer-lhe a água e o Manel Mentiroso perguntou-lhe se ele tinha ido buscar água à ribeira. Joaquinha respondeu que estava à procura de água de anteontem para juntar à água de ontem, para lhe servir a água de hoje.

- Traz qualquer água!

Ele bebeu a água e puxou da caixa do rapé. - Joaquinha, tu sabias que nasceu uma pessoa com oito braços?

- Eu não digo que não, porque ontem a minha mãe estava a lavar camisas na ribeira e viu uma camisa com oito mangas.

O Manel começou a achar que ia ser mais difícil do que ele pensava.

- Joaquinha, vai buscar brasas para eu acender o cachimbo.

Como Joaquinha nunca mais aparecia, o Manel perguntou-lhe:

- Foste buscar as brasas ao inferno?

- Estou à procura das brasas de anteontem para juntos com as brasas de ontem e para lhe dar as brasas de hoje.

- Traz qualquer brasa.

Ele acendeu o cachimbo, puxou duas ou três fumaças e perguntou ao Joaquinha:

- Joaquinha, tu sabias que o mar pegou fogo?

- Eu não digo que não porque, no outro dia, o meu pai foi pescar e apanhou as sardinhas já assadas.

- Joaquinha, vai-me buscar água fresca, mas traz qualquer água! Ele bebeu a água e perguntou-lhe:

- Joaquinha, tu sabias que existe uma mangueira tão alta, tão alta, tão alta, tão alta, que se toca tambor de um lado, e não se ouve do outro?

- Eu não digo que não…

- Tu não comeces com o digo que não!

- É que no outro dia passou aqui uma gaivota tão grande, tão grande, que demorou três dias a passar a cabeça, seis dias a passar o corpo e três dias a passar as patas.

Ficamos doze dias às escuras.

- Ó Joaquinha, isso é tudo mentira! Onde é que ia poisar essa gaivota?! - Ela tinha o ninho na mangueira onde se toca tambor de um lado e não se ouve do outro.

O Manel Mentiroso deu a vaca ao Joaquinha e já se ia embora, quando o Joaquinha lhe disse:

- Corre depressa porque o meu pai deve estar a chegar da pesca. Se te vê, ele mete a estrada no bolso e tu nunca mais encontras o caminho para casa.

Desesperado, Manel Mentiroso desatou a correr a sete pés.

In, PEREIRA-MÜLLER, M. Margarida, “Contos e Lendas da Lusofonia”, Sintra, Colares Editora, 2010

Disponivel em napegadadolivro.blogspot.com

Carlos Alberto Frederico Tavares,
Mestrando do 2º ano do Curso de Pedagogia da Universidade de Santiago

Ministério
da Educação

Liceu Domingos Ramos e Liceu Amílcar Cabral, Santiago

A vida passa

A vida passa? Não passa
O tempo voa? Não voa
Só se sente falta do que se foi.

Memórias perdem-se, risos
confundem-se.
O amanhecer chega? Não chega.
Será que amanhã tudo vai mudar?
Ou tudo será igual?

Cada dia é um novo amanhecer
De aprender, de amar, e de rir.
Mas no tudo que avança,
O que fica é a lembrança.

O futuro é uma estrada a andar,
Com incertezas e decisões a tomar.
Sonhar para sonhar e caminhos a seguir

Nada é certo, tudo é um talvez.
O tempo não espera,
E o amanhã? Também não.

Há sonhos que se realizam e
outros que ficam para trás,
Mas enquanto houver passos
Haverá história a contar.

Lidiane Cabral e Leonildo Reis, 11ºAno, Liceu Domingos Ramos, Praia - Cabo Verde

Será que vai dar certo?

Ando pensando, pensando e pensando,
Mas percebi que só me iludia
Pois sonhava, sonhando e sonhando com o que não devia
Nem percebi que deixei o coração no comando

Comando da minha cabeça
Aquele maldito coração que não permitia que eu o esqueça Comando da minha ação
Aquele perverso coração que tomou o lugar da razão

Já agora, nem sei porque ainda tenho esperança
Em algo tão confuso
Que nunca me deu bonança
Despertou-me um parafuso

Onde guardo as lembranças do intruso
Que algum dia me prometeu a aliança
Lembranças do abuso
Que fizeste à minha esperança

Continuo perguntando “Será que vai dar certo?”
Ou devo continuar com esperanças no amor incerto
Mas persisto em perguntar “Será que vai dar certo?”
Ou sou tão burra, por não perceber que isso não é correto

Mas, para minha triste realidade
Contínuo bloqueada em sua paixão
Para falar a verdade
Continuo agarrada pelas suas mãos.

Cezy Martins, 11ºAno, Liceu Domingos Ramos, Praia- Cabo Verde

O que sou para ti?

Mas oque, sou para ti,
Sou a última peça que procuravas ou
Uma simples moça assustada!
Oque, sou para ti?
Disseste que sou uma rosa viva que
Afinal me deixaste murchada!

Oque, sou para ti, uma paisagem sem graça
Ou sua alma gémea?
Porque minha alma gritou quando me conectei em ti!
Afinal, afinal oque, sou para ti,
Mais uma flor barata ou uma poesia rara.

Fala logo o que sou para ti ou vá embora!
Antes que me apaixone intensamente, vá agora!
Eu sei como essa história termina, mas…
O que sou para ti… uma que chegou do nada ou tudo que imaginavas?

Meus olhos brilhantes não te chamam atenção?
Ou sou só mais uma ilusão.
O que sentes por mim?

Sentiste a mesma dor que senti quando te vi partir!
Engraçado que nem voltaste para trás para me dizer o que sou para ti!

Se um dia perderes a paixão por mim
Não me faças ficar aqui!
És tão confuso quanto a mim,
Mas antes de partir o que, sou para ti!

Rihana, 11ºAno do Liceu Domingos Ramos, Praia- Cabo Verde